

Tatiana Conceição Ferreira Galvão Martins

**Violência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
“Augusto Montenegro”**

**Dissertação de Mestrado UFPA - Educação
(id - 1980)**

INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira o fenômeno violência vem se acentuando em todos os segmentos sociais: mulheres, crianças e adolescentes¹ e em diversos espaços, nas escolas, nas ruas, dentre outros. Isso significa dizer que a violência no Brasil tem se tornado tão geral chegando mesmo a eliminar e/ou ameaçar o mais fundamental dos direitos humanos: o direito à vida.

Assim, o estudo da violência nessa dissertação passou a se constituir como um elemento mesmo de exercício da própria cidadania, entendendo-a como um fenômeno social, onde a miséria, o desemprego, as desigualdades sociais, a falta de oportunidades para crianças e adolescentes, bem como a presença insuficiente ou inadequada do Estado, seja na forma de políticas públicas, seja por meio do seu aparato de segurança pública, contribuem para aumentar e recrudescer as manifestações de violência no país.

¹ - A legislação brasileira, Estatuto da Criança e Adolescente-ECA, considera como criança a pessoa com idade entre zero e onze anos incompletos, a adolescência, por sua vez, abrange pessoas entre os doze e os dezoito anos incompletos.

Não se trata, no entanto, de um fenômeno circunscrito a fatores estruturais de ordem socioeconômica, devendo, portanto, ser entendido no âmbito cultural e psicossocial dos indivíduos, dos grupos e da sociedade.

Desse modo, o fenômeno violência é compreendido a partir de suas condições concretas de existência, visto que o mesmo tem um lugar no bojo das condições sociais, pois a violência está no interior da tessitura da história da humanidade permeando todas as relações sociais e tem acompanhado o homem desde os seus primórdios até nossos dias, ganhando atualmente, dimensões alarmantes.

No âmbito escolar a violência se manifesta através dos assaltos, das balas perdidas, dos estupros, das depredações, das brincadeiras cada vez mais competitivas, das brigas e agressões e outras formas de violência que se expressam no seu interior, ameaçando a paz e a vida de alunos e professores, e dificultando ainda mais as condições de ensino no país.

Então, para aprofundar a compreensão acerca do fenômeno violência nas escolas, escolhemos como campo de pesquisa a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro. A escolha da referida escola teve como base os seguintes critérios: o fato do bairro do Telégrafo onde a mesma encontra-se localizada, apresentar elevado índice de violência, conforme Tabela 2 da página 39 o tamanho da escola em termos dos números de alunos e de turmas em relação a outras escolas estaduais de ensino fundamental em Belém. Entende-se que o fato de haver maior número de alunos, há maior probabilidade de ocorrência de violência.

Como instrumento de coleta de dado utilizamos a entrevista semi-estruturada que envolveu os seguintes sujeitos: 10 (dez) alunos do ensino fundamental, situados

na faixa etária entre 10 e 18 anos de idade, 1 (uma) bibliotecária, 2 (duas) merendeiras e 1(uma) inspetora. Não foi possível entrevistar a diretora e os professores, pois durante as visitas aquela estava envolvida em atividades da escola e estes não se encontravam na sala dos professores.

Em relação aos alunos, podemos afirmar que em 5 (cinco) deles a família é composta por pai, mãe e irmãos, em 4 (quatro) a família é recombinada, pai, madrasta e irmãos ou mãe, padrasto e irmãos e, 1 (uma), conforme sua declaração durante entrevista, supõe-se que vive com os “tios” e realiza trabalho doméstico para os mesmos. Constatamos que a renda mensal da família dos alunos é em torno de 2 (dois) salários mínimos e que os 10 (dez) foram vítimas de violência, sendo que destes, 4 (quatro) foram vítimas e agressores. Ressalta-se que para preservar a identidade dos pesquisados utilizamos nomes fictícios para identificá-los.

Compreendemos que nesse processo a entrevista enquanto instrumento de coleta de dados permitiu a comunicação direta entre o entrevistador e os pesquisados, levando a apreender o conteúdo dos dados obtidos sobre o fenômeno a ser estudado. Sendo assim, a entrevista possibilitou coletar informações a partir dos sujeitos que vivenciam aquela realidade, a fim de revelar o significado de sua experiência e desvendar a realidade social em que vive. Por abordar livremente o tema proposto, a entrevista também contribuiu para que explorássemos certas informações e idéias inesperadas que surgiram no decorrer da entrevista. Assim, a entrevista por ser um instrumento flexível, permitiu o esclarecimento das questões que o pesquisado tinha dúvida para que o mesmo pudesse relatar informações mais completas sobre o assunto abordado. Além do mais, esse instrumento permitiu que observássemos gestos, expressões faciais, alterações de voz etc., que pudessem expressar com maior precisão a realidade estudada.

Utilizamos como aporte teórico-metodológico o materialismo histórico dialético, considerando que o mesmo possibilitaria a apreensão da totalidade social, partindo-se do abstrato para o concreto, isto é, desenvolver o processo de conhecimento acerca do nosso objeto de estudo através da reflexão crítica e de aproximações sucessivas da realidade social dos pesquisados na perspectiva da síntese, tão necessária à clareza da questão da violência na Escola de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro.

Procurando entender a realidade paraense o estudo “Violência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro” teve como objetivo identificar os tipos de violência encontrados na referida escola a partir da percepção que os alunos têm do referido fenômeno, como, também, sugerir propostas de políticas públicas que venham contribuir para o combate da violência nas escolas paraenses, e, em particular na escola pesquisada.

Dessa forma, no primeiro capítulo, fizemos um estudo sobre a educação a partir de duas perspectivas, quais sejam: a do controle e da libertação, com o interesse de mostrar que o processo de ensino-aprendizagem pode favorecer o crescimento do aluno, através do seu desenvolvimento intelectual e emocional, contribuindo para a diminuição da violência se os educadores efetivarem sua ação intencionalmente, isto é, partirem da prática concreta da realidade apresentada pela escola para desenvolverem um processo crítico e reflexivo da realidade que os cerca.

O estudo dessas perspectivas foi importante na medida em que contribuíram para identificar que um dos fatores que levam a violência na escola ainda é a presença de práticas autoritárias, repressoras e agressivas que ocorrem no interior da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Augusto Montenegro,

mostrando que, contraditoriamente, a escola vem ao mesmo tempo, atuando como agente e vítima da violência, uma vez que os alunos se manifestam contra o autoritarismo através de ações violentas.

Constatamos também que o impacto da violência na referida escola é muito mais amplo do que o raciocínio lógico sobre seus desdobramentos estruturais tangíveis e intangíveis. O impacto da violência está diretamente relacionado à capacidade de aprendizagem dos alunos e à construção de sua cidadania. Assim, a escola representa um espaço privilegiado de socialização e, dependendo dos comportamentos promovidos, essa socialização pode ser constituída com base em relações defensivas ou propositivas. É na promoção desses mecanismos, como o diálogo e a participação, que as relações sociais deverão estar apoiadas para o desenvolvimento psicossocial e humano das crianças e jovens, contribuindo para a diminuição da violência.

Sendo assim, acreditamos que se os profissionais da educação trabalharem a partir da perspectiva libertadora na tentativa de enfrentar a situação da violência, poderão resgatar a potencialidade da escola como instrumento democratizador, socializador e impulsionador da melhoria das condições de vida de todos os que vivenciam aquela realidade. A escola, nesse contexto, é, em muitos sentidos, a porta privilegiada para a cidadania e para a construção da paz.

No capítulo posterior, caracterizamos o objeto de estudo fazendo uma abordagem sobre os aspectos exteriores à escola, isto é, o bairro e seu entorno, como também a sua parte interior. Essa caracterização se fez importante, pois possibilitou que identificássemos as diversas manifestações de violências ocorridas nessa escola, como por exemplo, dos alunos que chegam atrasados e não podem entrar na sala de aula e por esse motivo ficam no meio fio da rua, expostos a

vitimização. As análises contidas nesse capítulo leva-nos a acreditar que se todos os sujeitos que fazem parte do processo educacional tiverem conhecimento da realidade do bairro e da própria escola, poderão desenvolver uma ação que além de inibir a manifestação de violência, também irão educar para que a ação da violência dê lugar à ação construtiva onde todos possam ter conhecimento sobre a existência do fenômeno e suas conseqüências naquela realidade.

No último capítulo, dedicamo-nos a fazer um estudo da categoria violência, mostrando a sua gravidade na sociedade e principalmente como está vem se manifestando na escola. Nossa intenção foi a de que esse estudo venha se somar com outros já existentes afim de que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem possam se conscientizar sobre a existência desse fenômeno e em conseqüência realizarem medidas que possam combatê-lo, como exemplo, registramos o programa Abrindo Espaço: Educação e Cultura para a Paz, que demandam ações concretas de enfrentamento por parte da sociedade e dos governos, na busca de alternativas que favoreçam a cultura da paz².

Esse estudo, também, se fez importante, pois a partir da compreensão da categoria violência foi possível identificar que na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro os principais tipos de violência são: Violência Contra a Pessoa, que se manifesta através da ameaça, briga e violência simbólica; Violência Contra a Propriedade, que ocorre através do furto e Violência Contra o Patrimônio, a exemplo as pichações.

² - Conforme NOLETO (2004) a cultura da paz é anunciada como construção que requer participação e reconhecimento da diversidade. Portanto, não comporta passividade ou camuflagem de conflitos, desigualdades e injustiças sociais. Tem como princípios: "(a) Respeito pela vida, fim da violência e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; (...) (c) Respeito total e promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; (...) (f) Adesão aos princípios da liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos níveis da sociedade e entre nações(...)" (Declaração e Programa de Ação para uma Cultura da Paz).

Na conclusão, consideramos que a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro deixou de ser um lugar seguro, pois a situação de violência no espaço escolar compromete o que deveria ser a identidade da escola, isto é, um espaço de socialização do saber respeitando as diversidades culturais dos atores sociais ali incluídos.

Sendo assim, defendemos a idéia de que o resgate da identidade da escola perpassa o processo de educação, que deve ser concebido a partir de sua totalidade, visto que é um processo que tem meios e fins e, para alcançá-los todos os envolvidos no processo educacional devem estar sempre se reciclando, pois assim terão condições de acompanhar as mudanças desencadeadas na sociedade e, conseqüentemente, dar uma nova direção para a educação e para a escola.

Seguindo esse raciocínio, podemos afirmar que a escola tem condições de desenvolver estratégias que garantam a construção de uma aprendizagem que tenha o propósito de permitir o aprimoramento do indivíduo, tendo, portanto, caráter ético, político e crítico.

Em suma, acreditamos que a escola contribuirá para a erradicação da violência no momento que contribuir para o aperfeiçoamento do homem. Aperfeiçoamento este, que vem através do ato de ensinar, pois os sujeitos sociais envolvidos nesse processo vão ter condições de desenvolver suas capacidades e habilidades cognitivas e operativas, o que contribui para a sua emancipação. Ou seja, é por meio do ato de ensinar que a escola procurara resolver os problemas ali presentes utilizando-se do diálogo, da negociação com o intuito de tornar a violência inviável, preparando seus sujeitos para enfrentar a realidade presente no seu cotidiano.

I CAPÍTULO

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: entre a libertação e o controle

A educação está sempre presente na vida do homem como um processo contínuo de socialização e de troca de informação. Assim, ela pode se processar tanto dentro como fora da escola. Fora da escola a educação é assistemática ou informal, nesse processo não há preocupação em estabelecerem conteúdos de conhecimentos sistematizados e organizados em currículo. É na escola que a educação ganha sistematização, seguindo o processo de ensino aprendizagem à construção de conhecimentos racionalizados.

Para Saviani (2003), a educação é uma exigência humana indiscutível e uma necessidade social e econômica. Nesse sentido, a educação está subordinada a uma filosofia e a uma concepção de mundo que tanto pode enfatizar o aspecto político, como pode desenvolver no indivíduo um processo de alienação.

Apesar da educação ter hoje um sentido profundamente econômico consideramos que o processo de ensino-aprendizagem, através da pedagogia de autonomia de Paulo Freire, tem possibilitado a produção de conhecimento próprio e sua disseminação popular, garantindo que a educação se torne relevante em termos políticos, uma vez que a mesma contribui para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, estimulando o seu crescimento e, conseqüentemente, sua capacidade de argumentação, questionamento e contra-argumentação, pois a forma que se dá em relação do homem com a natureza e com os outros homens é condição para a própria transformação social.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a escola surge como uma necessidade social, como um processo formal de transmissão de conhecimentos. As normas e regras são definidas em função de interesses sociais, políticos, culturais e

econômicos das classes sociais presentes em nossa sociedade. Assim, esta instituição social torna-se fundamental na transmissão de conhecimento racionalizado e estruturado para educar o indivíduo e proporcionar a sua capacidade de integração na vida cotidiana. E, dessa forma garantir uma de suas funções que é desenvolver um pensamento reflexivo para construir uma compreensão coerente da realidade e princípios éticos, além de desenvolver ações que visam à promoção da sociabilidade, segundo as normas e valores vigentes, tais como: honestidade e solidariedade.

A convivência na escola precisa lidar ainda com questões como a violência, pois determinados comportamentos agressivos surgem no interior da própria escola. Sua organização tem como um dos pilares o ato disciplinar. E, neste sentido, os educadores são os principais atores do processo educativo. Sendo assim:

(...) os professores, no decorrer de sua formação inicial ou mais adiante, têm que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam mais claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje freqüentam nossa sala de aula. (ROYER, 2002, p.253)

Entendemos que o processo de ensino-aprendizagem só vai se efetivar na medida em que a maioria dos profissionais compreenderem que a prática educativa precisa ser intencional para contribuir com a formação humana dos indivíduos. Então essa prática precisa ser concebida a partir de sua totalidade, visto ser um processo que tem meios e fins e, para alcançá-los, os docentes precisam estar constantemente atualizados, pois assim terão condições de acompanhar as mudanças desencadeadas na sociedade e, conseqüentemente, dar uma nova direção para a educação, uma vez que conseguem criar estratégias para possibilitar ao aluno desenvolver habilidades para se tornar sujeito do processo de aprendizagem.

Desse modo, é necessário que haja, conforme expressa Freire (1995), uma relação dialógica entre os dois agentes da educação: o educador e o educando, ambos encontram-se vinculados a sua própria formação, pois se relacionam diretamente a consciências “do que” fazer, “porque” fazer, “como” fazer e “onde” fazer-se presente, delineado com isso o desenvolvimento progressista desta ação pedagógica e da educação.

Essa relação dialogal é importante, pois permite que a prática educativa se desenvolva de acordo com o contexto apresentado pelos alunos na sala de aula e conseqüentemente, que o professor possa organizar os conteúdos trabalhados, de acordo com o grau de dificuldade apresentada por eles. Assim, o aluno poderá participar do processo de ensino-aprendizagem, como um ser capaz de assimilar conscientemente os conteúdos apresentados pelo professor. Isso mostra que os alunos não serão mais considerados como indivíduos abstratos, isolados e, sim, como agentes capazes de gerar mudanças.

Seguindo esse raciocínio, entendemos que: “O educando não é um vazio onde podemos imprimir o saber oficial. Ele deve ser desafiado pelo educador e questionar tudo através do dialogo e da troca de saberes” (FREIRE, 1994, p.101).

Sabemos que essa prática ainda é distante da realidade, pois ainda tem profissionais que não recebem nenhum tipo de incentivo para reavaliar as suas práticas e, conseqüentemente, não se reciclar para questionarem as grandes transformações globais que ocorrem na sociedade como um todo. Então, nos deparamos com uma educação que não é desenvolvida com amor, pois em sala de aula há ausência de profissionalismo durante as práticas educativas porque as aulas são sempre na forma de "treinamento", tornado um mecanismo onde o professor só ensina através de um quadro branco e pincel, fazendo com que a formação dos

alunos seja de má qualidade, pelo fato de sua formação não ter tido uma base sólida, que proporcionasse o seu crescimento enquanto sujeito envolvido no processo de ensino-aprendizagem, impedindo assim, que dessem novos rumos à prática educacional. Entendemos que uma melhoria nas condições de trabalho, salários justos a todos, principalmente aos professores tornaria a prática educativa mais próxima da realidade, visto que eles sempre iam está se capacitando, participando de treinamentos, simpósios, encontros, seminários e congressos, possibilitando, portanto, o crescimento profissional e um melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, uma melhor qualidade nas condições de trabalho dos professores pode permite aos educadores desenvolverem uma ação reflexiva que vise transformar o processo de ensino-aprendizagem, pois como sabemos:

A prática reflexiva. leva o professor a pensar na sua prática, fazendo assim uma auto- avaliação sobre sua forma de executar uma aula. Trata-se da formação ao profissional crítico-reflexivo na qual o professor é ajudado a compreender o seu próprio pensamento e a refletir de modo crítico sobre sua prática (LIBÂNEO, 1998. p 86).

O professor é um coordenador de atividades que organiza e atua conjuntamente com os alunos. Sendo assim esse profissional é um sujeito que se transforma em sujeito da construção e da reconstrução do saber ensinado, considerando a situação social, econômica e cultural do aluno.

De acordo com Freire (1997), os educadores que se baseiam na perspectiva libertadora transformam o ato de ensinar, pois a reflexão crítica sobre a prática do ensino ocorre em todos os momentos ao despertarem no educando a curiosidade de questionar, argumentar e contra argumentar. Assim, a reflexão crítica sobre a prática de ensino envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Para isso ocorrer, o professor deve correr risco, pois ensinar exige risco e a

disponibilidade ao risco, ao novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (FREIRE, 1997, p.39).

Constatamos que educar é socializar e preparar indivíduos para uma sociedade concreta e ideologicamente definida. Dessa maneira, a escola não irá formar o homem somente para o trabalho, mas sim o homem capaz de transformar seu mundo através do trabalho. Isto se torna possível na medida em que ele rompe com a natureza e consegue superá-la, isto é, até transformá-la. O professor ao formar esses alunos também está se formando e esta formação será melhor ainda se paralelamente a ela lhe forem assegurados cursos de qualificação contínua para que ele possa se atualizar adquirindo conhecimento de sua área de atuação. Assim, as relações dialéticas vivenciadas no espaço coletivo permitem o aprendizado alheio às dominações impostas pelo saber bancário que aliena os sujeitos.

Assim, as novas idéias apresentadas pelos alunos sobre um determinado assunto devem ser acolhidas e discutidas para que não ocorra a cristalização do saber. Por isso, o educando deve ser desafiado pelo educador e questionar tudo através do diálogo e da troca de saberes. Nessa interação entre aluno e professor, há o desenvolvimento do raciocínio lógico dos alunos, sem a imposição de conceitos sem sentido. O raciocínio lógico irá direcionar o Senso Crítico e Autonomia Moral/Intelectual por toda a vida do educando. Então, percebe-se que a

concepção libertadora de educação evidencia o papel da educação na construção de um novo projeto histórico, fundamenta-se numa teoria do conhecimento que parte da prática concreta na construção do saber e o educando como sujeito do conhecimento e compreende a alfabetização não apenas como um processo lógico, intelectual, mas também como um processo profundamente afetivo e social (GADOTTI, 2005, 65)

Então, o professor ao permitir que o aluno participe do processo de ensino-aprendizagem, como um ser capaz de assimilar conscientemente os conteúdos apresentados por ele, mostra que os alunos não serão mais considerados como indivíduos abstratos, isolados e, sim, como agentes capazes de gerar mudanças. Sendo assim, todos os envolvidos no processo educacional.

Precisarão doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar, compreender. Devemos inscrever em nós a consciência antropológica, a consciência ecológica, a consciência cívica terrena e a consciência espiritual da condição humana (MORIN, 2002, p. 76).

Desse modo, a todo momento tanto o educador quanto o educando vão ter condições de realizar uma relação horizontal, que possibilite que a sala de aula seja um ambiente escolar favorável, onde haja compreensão da realidade e onde se possa pensar em novas possibilidades, como novas concepções de conhecimento, de ciência e de verdade, preocupação com a solidariedade e com a construção de uma real democracia.

Em suma, entendemos por educação libertadora aquela que se desenvolve no aluno o compromisso consigo mesmo e com o social, onde o educador deve despertar no educando um diálogo interior e constante entre a liberdade e a disciplina que os educandos exercitam desde cedo a escolha dos seus caminhos, e que despertem para o exercício da cidadania.

Nesse sentido, o professor que utiliza esse tipo de educação coloca-se perante os alunos como um orientador, que estimula e direciona seus alunos para que estes vivenciem o processo natural de desenvolvimento, dentro de um ambiente motivador. Nessa interação entre aluno e professor há o desenvolvimento do raciocínio lógico dos alunos sem a imposição de conceitos sem sentido. O raciocínio

lógico irá direcionar o senso crítico e autonomia moral/intelectual por toda a vida do educando.

Nesse contexto, reafirmamos que para superar a condição da violência nas escolas é necessário que haja uma relação dialogal entre docentes e discentes no contexto escolar, pois, assim, haverá uma desmistificação das relações sociais desencadeadas em nossa sociedade, isto é, ainda existem muitos professores trabalhando com uma concepção tradicional de educação, onde a presença do autoritarismo ainda é muito presente, como nos mostra Santos (1999), ao afirmar que é preciso fazer uma análise institucional da escola, do tipo de ensino e das relações entre professores e alunos, ressaltando que haveria de compreender que a escola seria *lócus* de relações de sociabilidade e que propiciaria certo “autoritarismo pedagógico”, mencionando ainda os comportamentos repressivos por parte dos professores em sala de aula, as “violências simbólicas” – como não dar aula ou da aula de qualidade discutível e exercer autoritarismo em relações interpessoais com os alunos. Santos (Idem) destaca ainda a distância entre a linguagem dos jovens – mais afim ao lúdico – e aquela imposta por um tipo de escola – a “escola caserna” – com ênfase nas disciplinas e nas regras:

A escola com sua educação tradicional impõe ao aluno um aprendizado que não corresponde à sua realidade e universo cultural, sendo de uma forma negativa e nada estimulante e lúdica. (...) seu controle exagerado estimula sentimentos de rebeldia e desobediência (...) A violência que as crianças e os adolescentes exercem é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles. Sabermos que a escola caserna é vivida como um lugar trancado que impõem aos corpos uma ordem de uniforme, da qual não há meio de fugir: regras, controle, punições, dominações, são os meios habituais de disciplina. A escola tem se mostrado com freqüência como espaço de coação. Parece ter ficado de fora o caminho lúdico da aprendizagem (SANTOS, 1999, p.157).

Desse modo, a escola ao reproduzir as condições de desigualdades sociais acaba sendo atingida pelo quadro de violência que perpassa todo o conjunto da sociedade, já que as reações dos discentes podem estar relacionadas tanto às

questões vivenciadas no âmbito de seus lares, como também no próprio ambiente escolar, haja vista, muitas vezes, o descaso que os docentes, o que repercute quase sempre em rebeldia por parte dos alunos. Exemplificando, as crianças e os adolescentes quando percebem que não têm suas linguagens, seus valores e modos de viver reconhecidos pela escola sentem-se inferiorizadas e esse mal-estar resulta, na maioria das vezes, num comportamento agressivo e expresso no sentido de marcar presença num espaço em que eles não se reconhecem como pessoa.

Elas se sentirão ainda mais inferiorizadas pelo fato de não poderem trazer para a escola sua maneira de falar e sua experiência na família e no bairro menos favorecido. Esse mal-estar pode desembocar numa atitude de recusa da escola (HARPER et al,1996, p.75).

A produção da violência escolar é refletida em níveis consideráveis. Pois aí são vivenciadas relações de poder como expressa Foucault (2002) ao afirmar que a construção do poder é intermediada por atitudes repressivas e punitivas, de maneira que as condições apresentadas no espaço escolar são marcadas por atitudes de controle, obediência de regras e normas alheias às situações vivenciadas pelos alunos, o que pode levar as situações de expressão de atos violentos.

A escola para controlar as mudanças na sociedade torna-se cada vez mais repressora, atribuindo valores à educação para o exercício da dominação. Neste sentido, instituições como a igreja, o Estado e a família são essenciais para a garantia de relações sociais mediatizadoras para instituir regras e normas a serem obedecidas pelos sujeitos sociais. Sob essas instituições o vigiar e o punir se manifestam como aspectos essenciais no processo educativo humano.

As concepções de Foucault (2002) mostram que as instituições sociais assumem um importante papel no processo de modelagem dos sujeitos segundo as perspectivas de dominação no contexto social. Para este autor os corpos são

educados para responder as normas e regras estabelecidas. A escola insere-se, portanto, nesse quadro de exigências disciplinares impostas através do regimento.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que os separa dos outros. A unidade não é, portanto nem o território, nem o local, mas o lugar na fila. (FOUCAULT, 2002, p.124).

Segundo a lógica capitalista, a disciplina escolar, como afirma Foucault (Idem), tem se revelado como um instrumento de repressão e adestramento dos valores e princípios determinantes da classe dominante. Aí as relações de poder, que se constituíram historicamente, e a partir das contradições sociais levam à prática de rebeldia, no momento em que os sujeitos não se submetem à docilidade esperada pela escola.

A educação escolar expressa um conjunto de valores determinantes da ordem social, a qual é implicada na elaboração de situações em que a dificuldade de aprendizado é compensada pela punição, de modo que o aluno ao errar tem suas conseqüências marcadas por situações de restrições que, em muitos casos, levam à indisciplina.

No contexto escolar revela-se um quadro propício para o controle efetivo do comportamento e das ações dos educandos submetidos a um processo de adestramento, ao cumprir normas e regras que, segundo Foucault (2002), atende as expectativas impostas pelas relações de poder e favorece a ampliação da violência.

Assim, na abordagem tradicional a figura central do processo educacional é o professor, aquele que detém o saber expondo e interpretando a matéria. A metodologia decorrente de tal concepção tem como princípio à transmissão dos conhecimentos através da aula do professor, que é freqüentemente expositiva, numa seqüência predeterminada e fixa, como enfatiza na repetição de exercícios na exigência de memorização por parte dos alunos.

Isso fica evidente quando, ao fazer estudo sobre a abordagem tradicional da educação afirma que: “(...) é importante que o aluno ‘preste atenção’, porque ouvindo facilita-se o registro do que se transmite, na memória. O aluno é, assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la” (LIBÂNEO, 2005, 78).

Compreendemos, então, que o objetivo da abordagem tradicional é a formação de um aluno ideal, desvinculado da sua realidade concreta, uma vez que não propicia ao sujeito que aprende um papel ativo na construção dessa aprendizagem. Esta é aceita como vinda de fora para dentro, pois não leva em consideração o que o aluno aprende fora da escola, seus esforços espontâneos, a construção coletiva, à medida que a realidade é algo que será transmitida ao indivíduo principalmente pelo processo de educação formal.

Entendemos que a partir dessa perspectiva a função primordial da escola é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno. O homem é inserido num mundo que deverá conhecer através de informações que lhes serão fornecidas, consideradas as mais importantes e úteis para si e para a sociedade.

Apesar de todo avanço da educação consideramos que a abordagem tradicional tem resistido ao tempo e continua presente na prática escolar, uma vez que a educação ainda é utilizada, pela maioria dos docentes, como uma forma de continuar a manter as relações sociais desencadeadas na sociedade capitalista. Assim, são educadores que desenvolvem uma relação vertical com os alunos, detendo o poder decisório quanto ao método, conteúdo, avaliação e a forma de interação na sala de aula. Ou seja, professores que não estão comprometidos com o crescimento do ser humano e da sociedade, pois não conseguem criar estratégias para possibilitar ao aluno se tornar um sujeito do processo de aprendizagem, isto é,

não permitem que os alunos sejam capazes de elaborar e adquirir conhecimento para transformar a realidade que os cercam.

Podemos afirmar que os professores que ainda trabalham com a perspectiva do controle estão desenvolvendo uma prática educativa racionalizada, isto é, com um conhecimento fechado que “(...) constitui um sistema lógico perfeito, fundado na dedução ou na indução, mas fundamenta-se em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e a verificação empírica” (MORIN, 2002, p.23).

Em suma, a partir da perspectiva controle a postura da escola se caracteriza como conservadora, pois os conhecimentos transmitidos aos alunos são estereotipados, sem valor educativo desprovidos de significados sociais, inúteis para a formação de capacidades intelectuais e para a compreensão crítica da realidade, pois não leva o aluno a questionar a sua própria realidade.

Para aprofundarmos o estudo da violência na escola, no capítulo seguinte fazemos um estudo sobre a escola pesquisada, a fim de conhecermos o bairro onde fica situada, como também seu próprio ambiente, pois compreendemos que conhecendo a escola é que vamos ter condições de identificar e analisar os tipos de violência que ocorrem ali.

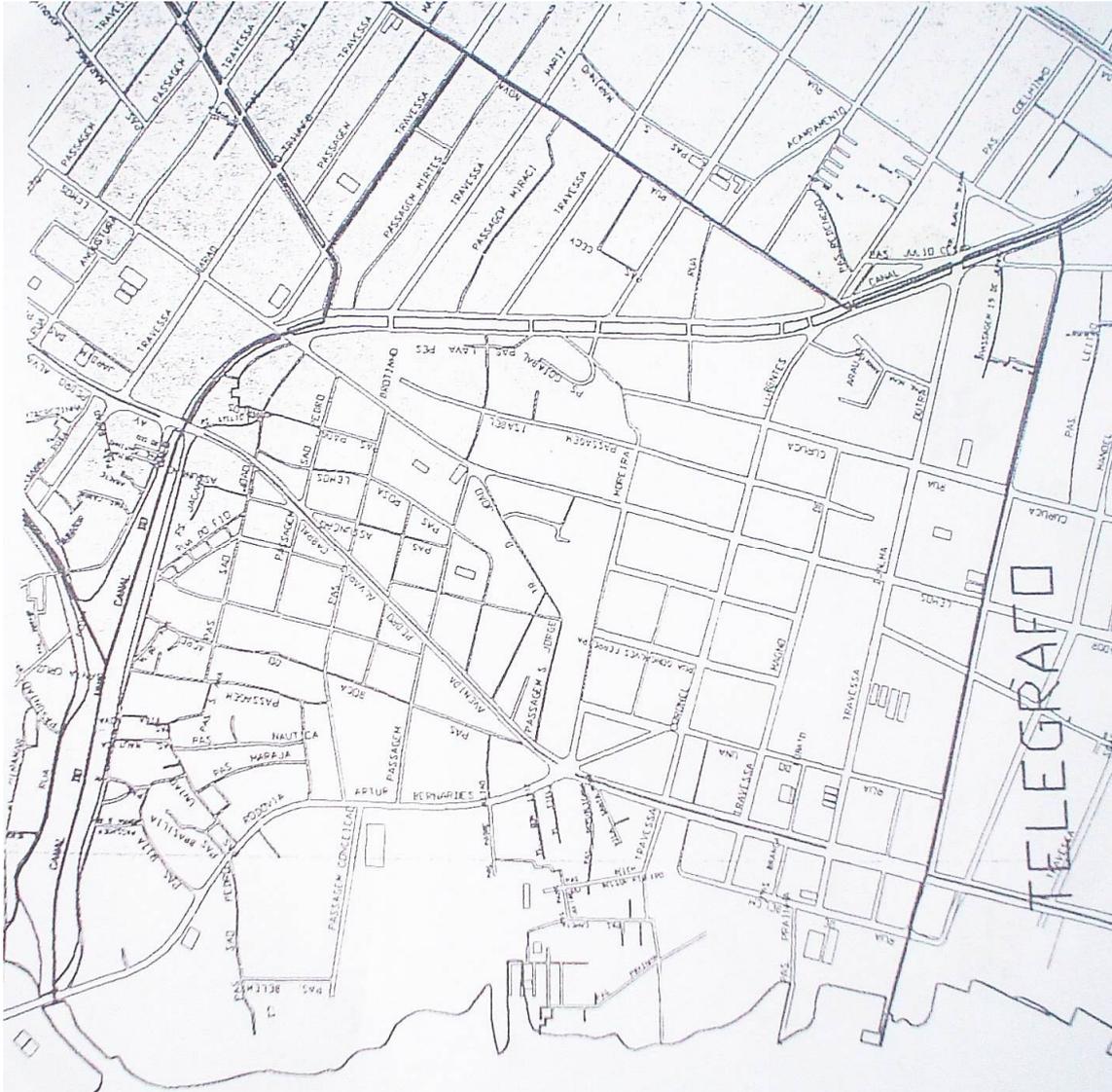
II CAPÍTULO

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA AUGUSTO MONTENEGRO

Estudando o fenômeno violência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro, buscamos analisar o ambiente escolar para compreendê-lo desde o seu entorno. Assim, o bairro que a mesma está localizada torna-se, neste sentido, referência. Ao se tratar de uma escola situada à margem da Rua Magno de Araújo entre Avenida Senador Lemos e Rua do UNA, trecho de intenso tráfico de veículos, levá-nos a perceber a necessidade de observação das normas de segurança no trânsito devido à proximidade de sua estrutura física em relação à circulação de veículos e de pessoas. Dessa maneira, localizar a escola nesse bairro serve de subsídio para compreendermos as diversas manifestações que a violência assume no interior dessa escola.

2.1 O bairro do Telégrafo

No bairro do Telégrafo está localizada a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro, que no passado era denominado São João do Bruno. Ele passou a ser chamado de Telégrafo Sem Fio devido ao prédio central do Serviço de Telégrafo em Belém, ainda no final do século XIX, situado na Avenida Senador Lemos, antiga Primeiro de Maio. O bairro tem como ponto inicial e final, respectivamente, a Foz do Igarapé do Una, na Baía do Guajará. A linha limite segue os seguintes pontos de referência: Igarapé do Una, margem esquerda; Igarapé do galo, margem esquerda; Avenida Senador Lemos, lado par; Travessa Mauriti, lado par; Rua Nova, lado ímpar; Travessa Coronel Luís Bentes, lado par; Passagem Júlio César, lado ímpar; Travessa 14 de Março, lado ímpar; Travessa José Pio, lado ímpar; linha seca do encontro da Travessa José Pio com a Rua de Belém; a margem direita da Baía do Guajará.



FONTE: Programa de Gestão Pública e Cidadania

As avenidas Senador Lemos e Pedro Álvares Cabral são as mais movimentadas vias de acesso do Telégrafo, por onde passam muitos veículos de diversos portes, completando assim a paisagem urbana típica de um bairro movimentado. Há, portanto, muito barulho e poluição incrementados pela diversidade comercial.

A Avenida Senador Lemos³ é organizada em mão dupla e é endereço de grandes lojas, panificadoras, farmácias, mercados, agências dos correios, posto do

³ Recebe esse nome em homenagem ao intendente de Belém, Antônio Lemos.

INSS, agências de diversos bancos públicos e privados, mercado municipal e o cartório Val-de-Cães, que muitos moradores do Telégrafo consideram um “patrimônio do bairro”.

Atualmente chama-se apenas Telégrafo, sendo sua população estimada em aproximadamente 42.785 pessoas, de acordo com IBGE (2000), sendo 20.212 homens e 22.573 mulheres.

Tabela 1: População por bairro, segundo sexo, no DASAC – 2000

BAIRROS	POPULAÇÃO		
	População	Homens	Mulheres
Pedreira	60.067	32.027	37.040
Sacramenta	44.407	21.124	23.283
Telégrafo	42.785	29.212	22.573
Barreiro	24.446	12.179	12.267
Miramar	36	15	21
Fátima	13.206	6.154	7.052
Maracangalha	27.767	13.352	14.415
TOTAL	249.370	117.982	131.388

FONTE: CENSO 2000 / IBGE

Apesar de não ser muito extenso, o bairro do Telégrafo ainda hoje se destaca no cenário local pela riqueza das suas manifestações folclóricas. Antigamente o período de maior efervescência cultural acontecia durante a quadra junina, hoje é o carnaval que predomina no bairro, com o bloco “A Grande Família”. O Telégrafo é conhecido como o “Bairro dos Artistas”, devido à tradição de atores e humoristas que marcaram essa época. A vida cultural do bairro tem se dinamizado com as atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Criação de Oficinas da Fundação Curro Velho⁴, às margens da Baía do Guajará, que funciona no bairro há quinze anos,

⁴- A Fundação Curro Velho, criada em 1990, é uma instituição de direito público do Governo do Estado do Pará. Vinculada à Secretaria Especial de Promoção Social tem a missão de promover ações voltadas a crianças e adolescentes, objetivando o desenvolvimento da capacidade de expressão e representação através de processo sócio-educativo, tendo como instrumentos a arte e o ofício, na perspectiva de valores éticos e estéticos. Esta fundação desenvolve atividades que vão desde a iniciação artística até a formação de agentes multiplicadores.

trabalhando com crianças, jovens e adultos do Telégrafo e de outros bairros, por meio de linguagem plástica, cênica e verbal.



Figura 1: Pesquisa de campo



Figura 2: Pesquisa de campo



Figura 3: Pesquisa de campo



Figura 4: Pesquisa de campo



Figura 5: Pesquisa de campo

Hoje, o Telégrafo trocou a vida artística pela “vocação” empresarial. Esta posição vem ganhando destaque na medida em que foram surgindo diversas indústrias, lojas, pequenos pontos comerciais, bancos, escolas profissionalizantes e até mesmo duas universidades: a UEPA (Universidade do Estado do Pará) e a UNAMA (Universidade da Amazônia). Esta situação tem proporcionando alterações nas relações sociais estabelecidas e, em particular, na vida dos moradores do bairro.



Figura 6: Pesquisa de campo



Figura 7: Pesquisa de campo



Figura 8: Pesquisa de campo

Estas alterações devem-se, em grande medida, à localização geográfica do bairro que, embora seja uma periferia, não é distanciado de condições gerais para a produção de determinadas mercadorias, bem como, de serviços essenciais à reprodução da sociedade. Isto significa dizer que há um bom nível de infra-estrutura se comparados com outros bairros da cidade, na medida em que conta com várias vias de comunicação com os demais bairros, facilitando a circulação de pessoas e mercadorias.

O setor de educação está em expansão no referido bairro, com a presença da UEPA e UNAMA, além de escolas de ensino fundamental, sendo as principais as Escolas José Alves Maia e Vera Simplício. Destaca-se também a Escola Estadual Augusto Montenegro que é de ensino fundamental e médio e a Escola Técnica Estadual que atende somente ensino médio.

Compreende-se que a forma como o bairro esta estruturado aponta para um processo de crescimento decorrente das novas funções econômicas que vão de expandindo para o Telégrafo.

2.2 O Entorno da Escola Augusto Montenegro

Para obter um maior conhecimento a cerca da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro, foi efetuada uma observação sistemática, através da qual se pode conhecer a sua localização geográfica, numa das principais vias de acesso do Bairro do Telégrafo. O que pode ser analisado a partir do grande número de pessoas que transitam em direção a supermercados, bancos, farmácias, escolas e outros serviços.

Entende-se que, apesar de ter semáforo e faixa de pedestre a Avenida Senador Lemos, este não garante a segurança necessária para a travessia dos alunos, pois durante processo de observação da pesquisa para a dissertação de mestrado não encontramos nenhum guarda municipal organizando o trânsito, a fim de garantir a entrada e saída das crianças e adolescentes na escola. Fator que contribui para acidentes com pedestres, pois apesar de haver sinalização, os condutores de veículos parecem não respeitar as leis de trânsito, como fica explicito na declaração de um grupo de alunos e no livro de registro de ocorrência da escola – objeto de nosso estudo.

Aqui já teve duas alunas da Escola atropeladas, uma quando atravessava na Avenida Senador Lemos, pois disseram aqui que o carro que bateu a menina avançou o sinal, ela é da 6ª série e outra próximo da escola. (Grupo de alunos)

Verificou-se no livro de ocorrência que a aluna Larissa da 7ª série foi atropelada na Travessa Magno de Araújo, antes de chegar à Avenida Senador Lemos. Sua mãe informou na escola que um carro avançou a rua e lhe bateu, foi socorrida por populares e levada ao Hospital de Pronto Socorro Municipal de Belém – HPSM.

A partir do exposto, pode-se afirmar que a segurança na travessia das vias de trânsito, das quais os alunos se servem para chegar à escola é precária, pois contribui para que haja atropelamentos de pessoas da comunidade em geral, bem como, da escola já que não existe facilidade para que os pedestres possam atravessar com segurança.

Em relação à presença de policiais no entorno da escola, verificou-se a ronda de viaturas da polícia militar apenas na parte da manhã. Nos outros turnos, fica somente um policial fazendo guarda em frente ao Tribunal de Contas dos Municípios.

Verifica-se, assim, uma contraditoriedade em relação há presença de policiais, pois se entende que eles precisavam está nas proximidades da escola para garantir o acesso das crianças e dos adolescentes à escola e ao retorno de suas casas.

Próximo também, está uma grande loja de autopeças. Apesar do trânsito no local não ser intenso, o número de carros estacionados na rua é bastante significativo, logo nota-se a presença constante de meninos, menores de idade, exercendo o ofício de “flanelinha”⁵.

Nas ruas secundárias, próximo a escola, como é o caso da Rua do Una e da Rua Coronel Luís Bentes, nota-se o predomínio de área residencial. As casas são de alvenaria e a maioria apresenta um bom estado de conservação. Existe também, nesse perímetro, um depósito de uma loja de eletrodomésticos e o desenvolvimento de pequenas atividades comerciais.

⁵ É o termo utilizado para designar os meninos que tomam conta de carros.

Na parte de trás da escola está situada a Travessa Djalma Dutra, que também apresenta um grande fluxo de carros, ônibus e pedestres, devido a presença do Campus I – Centro de Ciências Sociais e da Educação da UEPA. Observa-se também a existência de várias atividades comerciais, com a venda de frutas, de gêneros alimentícios e de bebidas alcoólicas.

Na Travessa Magno de Araújo, onde se situa a Escola Augusto Montenegro, o trânsito de veículos também é organizado em mão dupla, a pista é asfaltada e existe calçada, porém não há sinalização, nem semáforo, nem mesmo a presença de guardas municipais para assegurar que as crianças e os adolescentes atravessem sem correr riscos.

Percebe-se que os pontos de ônibus mais próximos da escola são os existentes na Avenida Senador Lemos, na Rua Travessa Djalma Dutra e na Avenida Pedro Álvares Cabral. Esta última é, na realidade, uma das poucas vias de entrada e saída da cidade de Belém, apresentando, portanto, um grande fluxo de veículos pesados. Nesta Avenida verifica-se, mais uma vez, a dificuldade para a travessia de pedestres, particularmente, dos alunos que freqüentam as escolas de seu entorno. Alguns acidentes com alunos da Escola Augusto Montenegro já aconteceram nesta rua, como também nas proximidades do ponto do ônibus, como mostra os depoimentos de alunos, confirmando tal fato:

Ano passado, uma aluna foi atropelada em frente a escola, quando atravessava a rua, o carro passou com muita velocidade. Ela foi socorrida por populares e levada para o Pronto Socorro. (Felipe)

Eu moro na Avenida Senador Lemos, mas minha tia sempre vem me deixar porque tem muitos motoristas que não obedecem o sinal, outro dia teve uma aluna atropelada aqui. É por isso que minha tia vem. (Adriana)

Segundo alguns moradores das proximidades da escola o bairro do Telegrafo é violento. Eles afirmam que o número de assaltos e furtos aumentam no horário

noturno, geralmente nas paradas de ônibus e principalmente nos finais de semana, quando a movimentação de pessoas nas ruas diminui. De acordo com dados Estatísticos do Município de Belém, em 1998 existiram 566 casos de furto, 548 de roubo, 2 latrocínios e 450 de outros crimes contra o patrimônio. Comparada ao ano de 1997, percebe-se que nesse bairro o número de violência aumentou.

Tabela 2: Registros de contravenções, por tipo, segundo os bairros, no Município de Belém -1997-1998.

BAIRROS	TIPO DE CONTRAVENÇÕES							
	Disparo/Porte de arma		Desordem		Embriagues		Total	
	1997	1998	1997	1998	1997	1998	1997	1998
Águas Lindas	-	1	6	13	-	1	6	15
Aura	-	-	-	16	-	1	-	17
Batista Campos	3	4	52	10	3	2	58	16
Barreiro	-	1	-	9	-	2	-	12
Benguí	6	3	78	38	3	4	87	45
Cidade Velha	2	2	34	10	4	1	40	13
Cabanagem	1	3	37	17	1	2	39	22
Campina	1	5	141	14	13	2	155	21
Canudos	3	1	16	16	3	1	22	18
Castanheira	-	1	-	2	-	-	-	3
Condor	12	2	95	15	12	10	119	27
Cremação	3	5	173	29	3	3	179	37
Fátima	1	3	21	7	1	-	23	10
Guamá	5	11	50	73	-	8	55	92
Guanabara	5	4	50	16	-	-	55	20
Jurunas	12	13	197	43	12	14	221	70
Mangueirão	-	-	-	5	-	1	-	6
Maracangalha	-	-	-	4	-	-	-	4
Marambaia	22	9	150	34	2	7	174	50
Marco	6	3	163	127	4	4	173	134
Nazaré	-	-	24	20	1	1	25	21
Pedreira	12	4	115	13	5	1	132	18
Reduto	-	-	23	10	-	1	23	11
São Brás	1	5	98	27	9	2	108	34
Sacramenta	4	6	30	31	2	16	36	53
Souza	-	-	14	8	-	1	14	9
Terra Firme	11	3	221	33	3	2	235	38
Telégrafo	5	3	82	63	1	15	88	84
Umarizal	2	4	24	19	-	1	26	24
Uma	-	4	-	6	-	3	-	13
Val-de-Cães	-	8	-	52	-	4	-	64
Total	117	108	1894	783	82	110	2093	1001

Fonte: Polícia Civil

A poucos metros da escola, está localizado o Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Pará, o qual conta com um serviço de vigilância policial,

vinte e quatro horas por dia. Se esse prédio dispõe permanentemente de tal serviço, a Escola Augusto Montenegro, não dispõe de policiais para mais não há para manter a segurança dos alunos.

Do lado da escola, existe uma quadra coberta de futebol society “Nery Soccer” que funciona somente pela parte da tarde. Observa-se a presença de muitas alunas uniformizadas assistindo os rapazes jogarem, alguns são alunos da escola, outros do bairro, à noite o movimento da quadra é grande com muitos rapazes jogando, todavia nota-se a presença de alunos, mas não uniformizados. Quando se questionou, alguns alunos informaram que os professores haviam faltado e outros disseram que as aulas não são criativas, pois os professores só fazem repetir o que está no livro. Assim, pensa-se que essas manifestações são tipos de violência originadas na própria escola a qual provém tanto dos problemas de gestão, como da carência de materiais e de recursos humanos, ou mesmo da não disposição de professores competentes e interessados em contribuir para o ensino.

Desse modo, o processo de ensino aprendizagem não possibilita o crescimento do aluno, pois os professores não mostram interesse em fazer com que eles aprendam para intervir no seu cotidiano. Assim, os professores “cegam” e “ocultam o sistema educacional” de erros e ilusões. Conseqüentemente tornam o conhecimento idealizado e racionalizado como meta de formação educacional. Sendo assim, a educação perde o seu valor essencial que é de permitir o crescimento do homem enquanto sujeito social, conforme refere Maia (2001,p:93) “educação é um processo de aperfeiçoamento do homem, um refinamento de sua essência e um fenômeno de contexto, cujas formas variam no espaço e no tempo”.

Do outro lado da escola existe uma construção, que pode ter tanto fins comerciais como residencial, há ainda um pequeno salão de cabeleireiro e muitas

residências, que são de alvenaria que também estão em bom estado de conservação, entretanto, com uma de construção aparentemente mais simples do que as que foram observadas na Avenida Senador Lemos. Considera-se que essa distinção das casas se dá pelo poder aquisitivo das pessoas, fator que também contribui para o desenvolvimento da violência no entorno da escola.

Em frente à escola, nota-se a presença de duas carrocinhas de venda de lanches que funcionam na parte da manhã e da tarde. É constante a presença de um bombonzeiro nos turnos matutino, vespertino e noturno, pode-se observar que tanto nas carrocinhas quanto no bombonzeiro há à venda de cigarros. Existe, ainda, uma pré-escola que funciona atendendo alunos do ensino infantil, como também um depósito de vendas de bebidas alcoólicas, que vende apenas cerveja em grade e quente, não vendendo a unidade, tanto pela parte da manhã quanto pela tarde.

Devido à existência de um depósito da loja de eletrodomésticos Liliane, nas proximidades da escola é freqüente a presença de caminhões na rua da escola em horário comercial, o que parece incomoda os alunos, pois segundo um grupo, que se encontrava no entorno da escola, muitas das vezes esse tipo de barulho atrapalha a concentração dos mesmos, o que implica na dificuldade compreensão da matéria que está sendo tratada em sala de aula nessa ocasião. Esse problema apresentado em torno da instituição escolar, aqui denominado de poluição sonora, também pode ser compreendido com um tipo de violência que invade o cotidiano escolar dificultando o processo de ensino-aprendizagem. Ao se ter o processo de ensino-aprendizagem prejudicado, os alunos não vão ter condições de fazer assimilação consciente dos conteúdos escolares, a fim de ter condições de desenvolver suas capacidades e habilidades cognitivas e operativas, o que contribui para o seu desenvolvimento. Assim, a poluição sonora impede que

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Esse uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com freqüência a instrução exige e que, ao contrário, se trata de estimular, caso esteja adormecida, de despertar (MORIN, 2002, p.39).

No que se refere à relação de certos alunos com a escola através da observação, notou-se nos três turnos a presença de alunos uniformizados sentados no meio-fio em frente à escola. Ao serem questionados sobre o porquê de estarem fora da sala, quais os motivos que os levaram a esta situação, alguns responderam que os professores não apareciam para ministrar aula, outros responderam que resolveram sair de sala porque a aula não estava rendendo, preferindo bater papo lá fora e os que chegavam atrasados e não podiam entrar, tendo que esperar o próximo horário. Verifica-se mais uma vez que a escola vem contribuindo para o desenvolvimento da violência, pois todas as visitas que se fez na escola e com base no livro de ocorrência, percebeu-se que o número de ausência de professores é grande, pois os alunos além de ficarem no meio fio, também se encontram vagando pelos pátios, o mais interessante é que esse problema é visto com naturalidade pelos alunos, como por exemplo, a afirmação seguinte: “É normal os professores faltarem” (Artur).

“Depois eles vão repondo as aulas, quando não, perdemos os conteúdos” (Adriana).

“É comum ficarmos no pátio, quando o professor falta, a inspetora não deixa ficar na sala porque os alunos fazem brincadeiras sem graça, como apelidar, bater um no outro” (Rosana).

Ressalta-se que os professores não desenvolvem estratégias para garantir a permanência dos alunos em sala, ou seja, não procuram criar um dialogo horizontal

para garantir o sucesso escolar, pelo contrario vem contribuindo para o fracasso escolar e conseqüentemente, tornando os alunos causadores de problemas disciplinares.

Nessa ocasião, observamos ainda, no turno da manhã e da tarde alunas uniformizadas jogando bola no meio da rua. Já no turno da noite, notou-se a presença de um grupo de aproximadamente dez rapazes e uma moça, sem uniforme e alguns sem camisa, reunidos em frente à escola, apresentando um comportamento agressivo e simulando brigas.

A iluminação em frente à escola no horário noturno é boa, porém nas suas proximidades apresenta-se insatisfatória, fator que pode contribuir para a ocorrência de roubos com alunos e moradores do bairro.

2.3 O Ambiente Escolar

A Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Augusto Montenegro foi fundada no ano de 1985 para atender os alunos que residiam no Bairro do Telégrafo. A equipe técnica da escola é composta por 1 (um) diretor, 1 (um) vice-diretor que assume o turno da noite, 2 (dois) secretários, professores, 7 (sete) auxiliares administrativos dos quais 2 (dois) assumem função diferenciada uma assume a função de bibliotecária e a outra de inspetora.

Em relação à entrada e saída dos alunos o controle é feito através do uniforme e da carteirinha, que é recebida pelo porteiro, que fica junto a um portão trancado com cadeado. Em relação à entrada há muito questionamento por parte dos alunos entrevistados, pois consideram que uma das regras estabelecidas pela escola, que é o horário da entrada, acabam lhe prejudicando, pois se chegarem atrasados, deixam de entrar no primeiro horário e esperam o segundo horário.

“Aqui não podemos chegar cinco minutos atrasado, pois o porteiro não deixa entra, temos que ficar esperando na rua” (Felipe).

“Quem chega atrasado não entra tem que esperar o segundo horário, é por isso que ficamos na rua batendo papo” (Cristiane).

“Sabe tia, professor falta, chega atrasado e vai pra sala dá aula, mas agente se chegar atrasado, tem que esperar o próximo horário” (Fernanda).

Considera-se que essa regra, apesar de normatizar a convivência na escola, pois reflete valores que deve ser comum e conhecido por todos no processo de interação, coloca os alunos em situação de risco porque quando não entram no horário determinado, ficam no meio fio como observamos e como relataram, e, acabam ficando na rua expostos a violência. Sugere-se que em relação à entrada dos alunos a escola seja mais flexível, permitindo aos alunos que chegam atrasados ocuparem as áreas de recreação que ficam no seu interior.



Figura 9: Pesquisa de campo

Sua estrutura é composta por um prédio com três andares, sendo toda murada. No primeiro andar estão localizados, a direção, a secretaria, o refeitório, a biblioteca, a quadra de esporte e duas áreas recreativas, a sala dos professores e os banheiros. O segundo andar é composto por 12 salas, dois banheiros, e um auditório, enquanto que, no terceiro andar presenciamos há presença de mais 12 salas, dois banheiros e a sala de informática.

1 Direção

A sala da direção não apresenta identificação, é dividida em dois compartimentos. No primeiro compartimento não foi constatada a existência de funcionário da escola para receber os alunos que se dirigem à diretora da escola. Assim, os alunos ficam aguardando o chamado da mesma. Naquele compartimento que eu denomino de anti-sala, verificou-se a existência de 1(uma) mesa, 4 (quatro) cadeiras, e 1(um) aparelho de ar condicionado. No lado direito da parede, um quadro verde com um calendário do ano de 2005 e um folder informando sobre “II Congresso Internacional de Formação Continuada: Pesquisa e Saberes Docentes”. Também visualizamos, no outro lado da parede, na janela, um informativo sobre o cadastramento da meia passagem que ocorreu no período de 06/06/05 à 10/06/05.

No segundo compartimento encontra-se a sala da diretora, composta por uma mesa e 5 (cinco) cadeiras, em cima da mesa visualizamos um fax, um telefone, a lista de frequência dos professores e um livro de ocorrência, havia também, um armário que segundo informações da diretora, continha material de expediente e material do arquivo morto. Em cima desse armário tinham 4 (quatro) troféus que a escola ganhou participando de jogos externos contra outras escolas. Verificou-se ainda um cartaz no quadro verde informando sobre os períodos de 1ª e 2ª

avaliações, reforço de aprendizagem e de uma atividade em comemoração aos dias dos pais na escola.

Importa refletir, que por ocasião de uma das visitas feitas nessa escola, observou-se a diretora ligando para a SEDUC, a fim de informar sobre a ausência de vigia e solicitar que lhe enviasse outro, pois a escola não podia ficar só com um vigia. O que a diretora chama de vigia, na verdade é o porteiro da escola, que controla a entrada dos alunos, através da entrega da carteirinha de estudante. A escola possui dois porteiros, contudo um estava ausente por 7 (sete dias) devido o falecimento do seu genitor.



Figura 10: Pesquisa de campo



Figura 11: Pesquisa de campo



Figura 12:

Figura 12: Pesquisa de campo

2 Secretaria

Assim, como a sala da direção, a sala da secretária também não apresenta identificação e está dividida em dois compartimentos. No primeiro existe um balcão que serve de ponte entre os funcionários, que são em torno de 4 (quatro) e os alunos. Encontramos nesse primeiro espaço, além das mesas dos funcionários, 1 (um) armário e 1 (uma) máquina de escrever e 2 (dois) ventiladores de teto. Já no segundo, encontramos 1 (uma) mesa, 4 (quatro) armários, que segundo a sra. Eliana, secretaria da escola, estes guardam documentação dos alunos.

É importante destacar que tanto a sala da direção quanto a sala da secretária estão protegidas por portão de ferro que durante a noite é trancado por cadeado. Entende-se que essa separação ocorre porque, conforme ocorrência registrada no livro da escola, já houve casos de furto na escola, chegando a levar um computador. Pode-se afirmar que esse tipo de violência é advindo da sua localização, pois como

já afirmamos anteriormente, o bairro do Telégrafo é uma área bastante violenta, onde os conflitos presentes nas relações da comunidade acabam por ter reflexos no cotidiano escolar.



Figura 14:

Figura 13: Pesquisa de campo



Figura 14: Pesquisa de campo

3 Quadra de Esporte

Em relação à quadra de esporte, verificou-se que é um dos locais da escola que apresenta bom estado de conservação e higienização. Através da conversa informal com alguns alunos, os mesmos relataram que essa quadra só é utilizada por eles no horário das aulas de educação física, fora isso eles não a utilizam, ou seja, quando estão em horário vago, a diretora não a libera para eles brincarem. O relato de um aluno entrevistado explica este fato: “Agente não pode fazer uso da quadra para brincar. Mais os alunos que treinam basquete têm livre acesso à quadra mesmo quando não estão no horário de educação física.” (Felipe). Destaca-se que outros alunos entrevistados confirmam a informação:

“No horário vago queremos brincar de futebol na quadra mais a diretora não deixa, quando a gente tem dinheiro, faz coleta e joga na quadra daí do lado” (Gustavo).

“Aqui não podemos utilizar a quadra, só no horário de educação física. Só que os alunos que são da equipe de futebol e basquete é quem pode.” (Adriana)

De acordo com os referidos relatos, pode-se afirmar que há entre os alunos e a diretora uma relação de autoritarismo que impede a construção de um diálogo que crie condições para se chegar a um acordo sobre a utilização da quadra de esporte, sendo assim, constata-se que a escola precisa redimensionar sua prática e eliminar esse autoritarismo. Sugere-se que a diretora precisa pautar sua atuação numa gestão descentralizadora nas quais as ações coletivas estejam contempladas num projeto pedagógico crítico-reflexivo. Como diz Gadotti (1998, p. 16) "(...) não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo (...). O projeto pedagógico da escola é, assim, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola".

Só assim a escola vai poder atuar como um espaço de construção coletiva no qual o poder de decisão é compartilhado, objetivando difundir no contexto escolar a nova postura pertinente a um ensino de qualidade que dará, por conseguinte, as ferramentas necessárias ao educando para perceber o que pode fazer ou não podem fazer o que devem ou não devem fazer numa dada situação.



Figura 15: Pesquisa de campo

4 Refeitório

O refeitório é o local onde os alunos recebem as merendas que são entregues durante o recreio, que ocorre no horário das 09:45 hs às 10:00 hs no turno matutino e das 14:45 hs às 15:00 hs no vespertino. Nesse ambiente verificou-se que existe 1 (um) fogão industrial novo e em bom estado de higienização, 1 (um) refrigerador da marca Prosdócimo, 1 (uma) pia, 1 (um) balcão, que contém bacias, panelas, copos e pratos, 6 (seis) mesas e 24 (vinte e quatro) cadeiras e 2 (dois) ventiladores, o que significa dizer que o mesmo possui as condições básicas necessárias para garantir a alimentação dos alunos. Apesar das panelas serem antigas apresentam bom estado de conservação e higienização. Havia ainda um armário, que segundo

informações da merendeira, é utilizado por elas para colocarem os seus pertences; além de um bebedouro que não funciona. Observou-se que durante o horário do recreio esse espaço é bem movimentado, porém há muita confusão na hora de distribuir a merenda, pois apesar das merendeiras solicitarem que os alunos organizem-se em fila, isso não acontece. O que existe é um amontoado de alunos gritando por “tia Judite”, para que ela agilizasse a distribuição da merenda.

Perguntado aos alunos, por que eles tinham preferência pela tia Judite informaram que ela trata todo mundo bem, dá atenção, não grita com ninguém, não fala mal, enquanto que a tia Rebeca e a tia Patrícia, são estúpidas, não os respeitam, gritam e xingam, são estressadas. Este fato foi comprovado em uma das visitas nessa escola, razão em que presenciamos a merendeira Rebeca gritando com os alunos, para que eles sentassem e calassem a boca, pois ela não queria ouvir gritos. Constatou-se também que a merendeira Patrícia apresentava comportamentos agressivos para com os alunos o que comprova os relatos apresentados por certos alunos entrevistados:

“A tia Judite é legal, quando eu faço uma coisa que ela vê que não é legal, ela chama e conversa comigo, não sai xingando que nem as outras.” (Gustavo)

“A tia Judite não é igual às outras, a dona Rebeca e a dona Patrícia, que só sabem gritar e brigar com a gente. Ela conversa, procura saber o que está acontecendo.” (Adriana)

Verificou-se que além da distribuição ser desorganizada, há estrago de biscoito por parte dos alunos, uma vez que o chão do refeitório e as mesas ficam todas sujas e há alunos que merendam, repetem a alimentação e quando é pão e biscoito ainda pegam para levar para sua casa.

Percebeu-se que além de ser utilizado como espaço de alimentação, o refeitório, também é um espaço utilizado pelos alunos para estudar, principalmente no período de prova, onde a biblioteca não comporta todos os alunos.

Durante o horário do recreio presenciou-se, tanto no refeitório como no corredor da escola, alunos brigando, isto é, se agredindo fisicamente.



Figura 16: Pesquisa de campo



Figura 17: Pesquisa de campo

5 Biblioteca

Na biblioteca existem 8 (oito) mesas sendo 3 (três) com 4 (quatro) cadeiras e 5 (cinco) com 8 (oito) cadeiras que estão em bom estado de conservação e higienização, sem pichações e 10 (dez) estantes, sendo 2 (duas) de madeira e 8 (oito) de ferro, que segundo a fundadora da biblioteca, comportam 3.000 (três mil) exemplares de livros não atualizados. Existem livros didáticos, paradidáticos, revistas Veja, Isto é, Época, Ciência hoje e enciclopédia.

Nesse espaço ainda havia alguns quadros que informavam sobre “Órgãos dos sentidos”, mapas indicando “Países da Europa e da parte da Ásia e África até 1992”, mapas da “Mesopotâmia” e da “Europa na 1ª Guerra Mundial”. Além de mensagens pintadas na parede como: “Quem lê viaja”, “Bem vindo a biblioteca”, “Silêncio” e “O mundo parece ser feito apenas de coisas que a gente vê. Mas há outras que não vemos. São as coisas que lemos. É preciso ler para elas aparecerem” (Paulo Freire).

Dentro da biblioteca há um serviço de reprografia que funciona no seguinte horário: 08:00 hs às 11:00 hs, das 13:30 hs às 17:00 hs e das 18:45 hs às 21:00 hs.

Segundo informações do sr. Francisco, proprietário da reprografia, cada cópia custa R\$0,10 (dez) centavos para alunos e R\$0,08 (oito) centavos para os professores. Para utilização desse espaço este, paga uma franquia mensal à direção da escola de 1.500 (Hum mil e quinhentas) cópias, as quais são destinadas para foldes informativos, documentos da direção e da secretária.

Verificou-se que o fluxo de alunos é intenso na biblioteca, sobretudo quando se aproxima o período das avaliações, onde os alunos precisam estudar para as provas e para elaborarem trabalhos que são apresentados em sala de aula.

Considera-se que a falta de silêncio é o principal problema enfrentado pela bibliotecária, pois apesar de haver uma placa solicitando silêncio, ela informou-nos que sua maior dificuldade é fazer com que os alunos fiquem calados, visto que muitos alunos vão à biblioteca para pesquisar, enquanto outros a freqüentam somente para conversar com os colegas. Os depoimentos de alguns alunos confirmam tal situação:

“É bom ter uma biblioteca na escola, pois já fazemos a pesquisa aqui, não precisamos gastar dinheiro de ônibus todo tempo” (Cristina)

Em relação à fala da Cristina, nota-se que a utilização dos livros da biblioteca é fundamental, pois os alunos acabam diminuindo as despesas com ônibus e xérox.

“Aqui, além da pesquisa, a dona Maria deixa a gente ler e empresta livro para levar para casa. É o espaço que mais gosto na escola” (Adriana)

Na fala da Adriana confirma-se a importância da biblioteca para os alunos, entretanto, entende-se que há uma relação de submissão e não de direito em relação aos empréstimos dos livros, pois os alunos só podem levar para casa se ela permitir.



Figura 18: Pesquisa de campo



Figura 19: Pesquisa de campo



Figura 20: Pesquisa de campo

6 Sala dos Professores

A sala dos professores é ampla, apresenta 4 (quatro) mesas, 20 (vinte) cadeiras e 1 (um) escaninho para que os professores coloquem os seus materiais,

tendo cada professor seu cadeado, 1 (uma) geladeira, 1 (um) bebedouro, 1 (uma) televisão e 1 (um) quadro de avisos, contendo informações sobre a 2ª avaliação e sobre o Projeto Renascer⁶. Constatou-se que na sala dos professores as mesas são sujas, tanto de papel comum, quanto de papel de bombom. Sobre esse aspecto é curioso relatar que haviam duas professoras na sala conversando, estando uma delas sentada na mesa. Quando perceberam minha presença, perguntam quem eu era, arrumaram as cadeiras e limparam as mesas e passaram a sentar corretamente. Pedi para que uma delas me explicasse sobre o Projeto Renascer, ambas não souberam dar informações e mandaram-me procurar a diretora, que me informou que esse projeto está em fase de implantação e que tem por objetivo melhorar o ambiente escolar.



Figura 21: Pesquisa de campo

⁶ - Segundo a diretora da escola esse projeto vai ser implantado a partir de agosto com o propósito de resgatar a história da escola como também a cidadania dos alunos, através da diminuição da violência.

7 Sala de aula

As salas de aula estão pintadas, entretanto encontramos algumas pichações nas paredes. Apresentam 2 (dois) ventiladores, 2 (duas) janelas amplas, em média 30 (trinta) cadeiras que também estão todas pichadas, 1 (um) quadro negro e a mesa da professora. Considera-se que as salas não são arejadas, fator que contribui para que os alunos se desconcentrem no momento que os professores estão discutindo as matérias já que sentem calor.

“Até 08:30 hs a sala é boa, mais depois começa a esquentar e fica calor, precisamos descer varias vezes para beber água.” (Fernanda)

“Eu não gosto da sala, porque é quente, depois do recreio piora ainda mais.” (Artur)

“Aqui, como estudo de tarde, me sinto irritado, pois só aqueles dois ventiladores não são suficiente, fica todo mundo com calor”. (Felipe)

“Queria que a direção da escola colocasse mais ventiladores na sala, pois assim iríamos assistir as aulas melhor, e quem sabe, aprender mais.” (Adriana)



Figura 22: Pesquisa de campo



Figura 23: Pesquisa de campo



Figura 24: Pesquisa de campo

8 Área de recreação

Observa-se também que existem 2 (duas) áreas de recreação que ficam no 1º andar, as quais são bastante movimentadas pois, os alunos a ocupam na hora do recreio e quando os professores faltam às aulas. Em geral, eles ficam conversando em grupos sentados no banco. Verificou-se também a presença de casais de namorados, além de alunos jogando bola, o que chamou atenção nesses alunos foi o instrumento que eles usavam para jogar bola, isto é utilizavam um copo do refeitório, copo este onde geralmente é servido o suco.



Figura 25: Pesquisa de campo



Figura 26: Pesquisa de campo



Figura 27: Pesquisa de campo

9 Banheiro

Existem 6 (seis) banheiros na escola, sendo 3 (três) para o sexo feminino e 3 (três) para o sexo masculino, havendo 02 (dois) banheiros por andar, entretanto, os alunos só tem acesso aos do 1º andar, pois o do 2º e do 3º andar ficam fechados. Os banheiros do 1º andar apresentam lajota tanto no chão quanto nas paredes, sendo a do chão vermelha e da parede branca, apesar de estarem em bom estado de conservação, pois foram pintados em março de 2005, já apresentam algumas pichações nas portas e estão em péssimo estado de higienização. Cada banheiro tem 3 (três) pias, 5 (cinco) vasos, 3 (três) chuveiros, que estão em mal estado de conservação e higienização. As pias de cor branca estão encardidas, as torneiras estão quebradas e há vazamento de água, que fica caindo num balde; os vasos também estão encardidos e suas descargas estão com defeito, o que torna o banheiro um ambiente desagradável para os alunos, por causa do odor fétido. Em relação aos chuveiros, os mesmos não têm mais as duchas, é só um cano por onde sai água.

“Eu não gosto de usar o banheiro daqui, porque só é limpo pela manhã, nos horários seguintes fica sujo.” (Fernanda)

“Gostaria que limpassem o banheiro, concertasse as descargas e a pia, pois assim, poderíamos usar sem problemas e sem sentir mal cheiro.” (Adriana)

“É imundo, fica pingando água da torneira e as descargas não funcionam.”
(Rosana)



Figura 28: Pesquisa de campo

10 Os corredores

Nos corredores há a presença de bebedouros, entretanto nenhum funciona, os alunos do 2º e 3º andares precisam descer para tomar água no refeitório. Verificou-se a presença de 2 (dois) inspetores no corredor do 2º e 3º andar, quando questionados sobre estarem no corredor, os funcionários informaram que geralmente há professores que faltam e eles precisam controlar as turmas, porque “sai briga” entre os alunos dessas turmas.

“Há poucos dias atrás um aluno da 7ª A aproveitou a minha ausência, e deu em outro por causa de um caderno, o outro revidou e jogou uma cadeira em cima dele, só que a cadeira caiu lá para baixo.” (Glaucia)

“É necessário ficar no corredor senão eles só faltam se matar, brigam de mais.” (Joana)

“Eu fico no corredor para tomar conta deles no horário vago, pois além dos que gostam de brigar, tem os que namoram e os que querem mexer nas coisas dos outros.” (Glaucia)

As afirmações das inspetoras, acerca do comportamento agressivo dos alunos nessa escola foi constatada quando durante as visitas realizadas na escola presenciou-se brigas entre alunos em vários momentos: antes e durante o recreio, nos corredores e na saída da escola.



Figura 29: Pesquisa de campo

11 Auditório e sala de informática

Em relação aos espaços destinados ao auditório e a sala de informática não se teve acesso, pois durante todo o período de observação estavam trancadas. Segundo informações de certos alunos geralmente esses espaços não são utilizados. A sala de informática só é utilizada quando tem professor de informática.

“Apesar de ter conhecimento básico de informática, que foi passado pelo professor do semestre passado, a diretora não deixa a gente praticar.” (Felipe)

“O que adianta ter auditório se os alunos não podem usar, só usamos quando o professor vai que é raro.” (Cristiane)

“Não adianta ter aula de informática, pois a diretora não deixa a gente usar o computador da escola, agora estamos sem professor.” (Fernanda)



Figura 30: Pesquisa de campo



Figura 31: Pesquisa de campo



Figura 32: Pesquisa de campo

A partir das observações e dos relatos feitos pelos alunos pode-se desde já afirmar que a escola pode ser caracterizada com um espaço educacional pouco organizado, principalmente no que se refere a higienização, pois todos os espaços da escola são sujos, com papeis no chão, resto de material de construção espalhados na entrada da escola e banheiros sujos.

Considera-se que existe violência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro, pois há situações de interação, em que os alunos se relacionam com outros, ou vários indivíduos, agindo de forma direta ou indireta para causar danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais, como também a violência contra o patrimônio, pois apesar da escola ter sido recentemente pintada, encontra-se com pichações. Desde já, afirma-se que a violência é um fenômeno de natureza social, produto de conjuntos de determinantes que se originam na convivência dos grupos e nas estruturas da sociedade. Portanto, para compreendê-la no contexto da nossa sociedade faremos um estudo sobre essa categoria.

III CAPÍTULO

A VIOLÊNCIA NA ESCOLA AUGUSTO MONTENEGRO

Percebemos que a violência nas escolas vem aumentando significativamente na sociedade brasileira em geral, e em particular em Belém, constatamos a ocorrência de diversas situações que envolvem agressões verbais, físicas e simbólicas em determinados membros da comunidade escolar.

Este fato despertou o interesse em estudar esse fenômeno na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Augusto Montenegro, considerando que segundo a Constituição Brasileira de 1988 a escola é *a priori*, uma instituição à qual, todos devem ter acesso, dito de outra forma: todos os brasileiros têm direito de freqüentá-la, visto que a escola deve ser considerada como um local de aprendizagem e de socialização. Ela funciona como um “passaporte” de integração na sociedade, na medida em objetiva criar condições que possibilitem às pessoas terem uma vida melhor. Contudo, verificamos que as escolas que deveriam ser um lugar de educação, lazer, diversão e, principalmente, de socialização estão se tornando a cada dia que passa um campo de “guerra” em decorrência da violência nas escolas, pois, de modo geral, as escolas não disponibilizam de um serviço de segurança, tem se constituído um espaço de indisciplina predispondo a conflitos sociais e a manifestação de várias formas de violência. Os dados preliminares apresentados por uma pesquisa realizada pela UNESCO em cinco capitais do Brasil - Belém, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre – e no Distrito Federal, em 2003, confirma esta situação, pois um dos principais resultados desse estudo revelou que 83,4% dos alunos consultados responderam haver sofrido algum tipo de violência na escola, tais como: o crime, o roubo, ou seja, atos que ameaçam a

segurança, estendendo-se à situações que não necessariamente ferem e matam – como por exemplo o racismo.

A pesquisa social que se realizou para a compreensão da violência na escola Augusto Montenegro permitiu a constatação de outros tipos de violência: depredação do patrimônio, de carteiras escolares quebradas e riscadas com líquido corretivo, de muros pichados, uso de drogas lícitas, de agressões a professores, de furtos, brigas e ameaças. Na perspectiva de maior aprofundamento acerca da violência escolar considera-se fundamental explicitar qual a compreensão da categoria violência.

3.1 A VIOLÊNCIA E SUA REPERCUSSÃO NA ESCOLA

Para caracterizar os atos de violência ocorridas no interior das escolas pode-se ter como referência autores como, Adorno (1988), Abramovay (2002), Chauí (1985), Charlot (1997), Morais (1995), entre outros. Violência no sentido denotativo é utilizada para designar:

sf. 1. qualidade de violento. 2. ato violento. 3. ato de violentar.” Que logo após esclarecer com o verbete violar quando enuncia “v.t.d. 1. ofender com violência. 2. infringir, transgredir. 3. Forçar a virgindade de; desflorar, deflorar [Sin., pop.: desgraçar, desonrar.] 4. Violentar (2) 5. Profanar, conspurcar. 6. Divulgar, revelar, de modo abusivo .[Conjug.:1 [Viol] ar]”. Ferreira (2001, p. 712).

Contudo a violência pode também ser entendida como algo que provoca ruptura de um processo considerado normal no desenvolvimento humano, e que atinge de forma incisiva a normalidade ou o desenvolvimento normal das coisas.

Para Sposito (1998) violência

“é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo dialogo e pelo conflito (p.60)”.

Morais (1995, p.25) expressa, citando Nietzsche, Freud, Hobbes, que “no mais íntimo impulsos humanos está a violência como um constitutivo primordial”, uma vez

que se não dispusesse de um mínimo de agressividade não teria condições de sobreviver no nosso mundo. Nestes estudos destacamos que há uma distinção entre as categorias agressividade e violência, pois

(...) a agressividade básica está na raiz do chamado instinto de sobrevivência, que demove o animal a buscar o alimento, água e segurança. Tal agressividade é resultante da memória biológica, de instintos propriamente animais. Já o conceito de violência implica intencionalidade, o que exige inteligência: razão pela qual os irracionais não são violentos, mas ferozes (MORAIS, 1995, p.20).

Este conceito apresentado por Sposito (1998) evidencia o nexos social da violência pelo uso da força, entretanto, moral refere-se que a violência está “no mais íntimo impulso humanos está a violência como um constitutivo primordial” (p.98).

Para o autor acima, citado, a violência é coisa de seres humanos. Assim, considera-se que está decorre da própria condição natural do homem. Moraes, citando Domenach et alli (1995, p. 28) considera que “foi violentamente que o homem dominou a terra e continua a ocupá-la. A vida é violência, o Estado é uma violência organizada, o pensamento é violência”.

Entendemos que há outras concepções para se referir à violência. Bourdieu e Passeron (1975), por exemplo, denominam de violência simbólica aquela mais camuflada, velada, mas que agride os direitos humanos com tanta força que é capaz de marginalizar e mutilar psicologicamente. Os preconceitos, as discriminações sociais e de sexo, de etnia e de classe são alguns exemplos desse tipo de violência.

Além dos autores acima mencionados Fernandes e Whitaker (1994) refere-se que a violência simbólica “ajuda não só a obscurecer a violência que está no dia-a-dia, no cotidiano, como também a esconder suas verdadeiras causas (p.45).” Assim, conclui-se que este tipo de violência é sutil, em geral, não aparece de forma explícita, pois serve para escamotear e dissimular certos conflitos. Pode-se, mesmo dizer que a violência simbólica é um tipo de violência que lesa os direitos dos

sujeitos, uma vez que não percebendo esse tipo de violência no seu cotidiano ele tem sua identidade alienada.

No ambiente escolar, em razão da escola ser reflexo do modelo violento de convivência social, a violência simbólica se manifesta de várias maneiras, as quais se destacam as relações autoritárias dos diretores e professores com os alunos. A propósito, podemos citar as coerções que os alunos sofrem quando reclamam das aulas, da estrutura da escola, dentre outros. Para Moraes, o autoritarismo

(...) traduz-se em desequilíbrio; que deriva da insegurança do educador ou de seus eventuais traços sádicos de personalidade. (...) Na medida em que autoridade é homeostase, é equilíbrio e garantia, autoritarismo é terrível processo de entropia nas relações humanas – especialmente nas pedagogias. Na verdade o autoritarismo é o tapume atrás do qual alguma incompetência se esconde. (...) Portanto, frisemos: o educador intervém em vidas numa relação de autoridade, pois, numa relação de autoritarismo ele invade vidas, sufocando nestas o que nelas pode haver de sinceridade e espaço interior criativo (1995, p. 46).

Com esse entendimento o autoritarismo expressa uma forma de violência, um elemento complicador que se constitui num grande obstáculo à pedagogia, pois nega a educação e revela a ignorância, o desequilíbrio, o temor e muitos outros estados que se opõem à autonomia individual e coletiva do ser humano. Enquanto que, educar significa ajudar aprender o processo de construção de sua autonomia, da disciplina, da ordem, da liberdade, do amor e da paz.

Arendt (1994) ao abordar o tema violência informa que está é uma força que se movimenta numa estrutura de curto prazo, ou seja, as ações dirigidas pela violência são constituídas de repentes que podem se apresentar também como meios para se atingir determinados fins, sem que sejam consideradas as conseqüências. Segundo a referida autora, se os objetivos não forem alcançados rapidamente o resultado não será meramente derrota, mas a introdução da violência como prática usual. “A prática da violência transforma o mundo, mas a transformação mais provável é um mundo mais violento”. (ARENDR, 1994, p.45).

Assim, deduzimos que segundo essa autora a violência é determinada como o ato de agir sem argumentar. Assim, “onde quer que a violência domine de forma absoluta tudo e todos devem permanecer em silêncio, nesse sentido a pura violência é muda.” (ARENDRT, 1994, p. 35).

Além desse conceito de violência merece destaque o conceito apresentado por Chauí, quando considera que a violência é:

uma realização determinada de força tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como uma violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois ângulos. Em primeiro lugar, como uma conversão de uma diferença e de uma assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1985, p. 23-62).

Pois Chauí consegue estabelecer uma diferença entre violência e indisciplina, uma vez que a violência é entendida como um ato de brutalidade contra alguém, a indisciplina é considerada como o não cumprimento de regras postas numa comunidade, isto é, a quebra do aceitável, do normativo. Desse modo, um sujeito pode ser indisciplinado e não violento. No entanto, o violento é sempre um sujeito indisciplinado quando rompe as barreiras sociais da civilidade, do respeito, do conviver, postos como norteadores da vida em sociedade.

Observamos que Chauí a concepção de violência quando efetiva a distinção de violência e indisciplina. No entanto considera-se que esse conceito ainda apresenta-se incompleto se tomarmos em conta o apresentado por Adorno (1998):

(...) Ao mesmo tempo que ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais (...) está presente nas relações intersubjetivas, aquelas que se verificam, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objetos, sua coisificação. (...) A violência é simultaneamente negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida (p.3).

Consideramos que esse conceito apresenta um elemento novo para a compreensão da violência, que é aquela expressa pelas relações de classe, nas relações interpessoais e subjetivas, traduzindo a negação de valores. Assim, se aproxima do apresentado por Arendt e se distancia de Chauí, cujo entendimento está relacionado com normas, pois se entende que a violência vai além das transgressões, de normas e leis, do uso da força brutal conforme se pode constatar no conceito apresentado.

A concepção de violência segundo Adorno, conduz a se interrogar sobre o entendimento de violência na escola. Na sua obra, “Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil” Sposito demonstra que o estudo sobre o fenômeno violência nas escolas se inicia a partir da década de 80. No entanto, ela afirma que os estudos existentes sobre essa temática são incipientes devido terem como foco situações localizadas. As modalidades básicas de violência segundo seus estudos são: ações contra o patrimônio na década de 80, tais como pichações e depredações, assim como as formas de agressão interpessoal, principalmente entre os próprios alunos.

De acordo com pesquisa realizada pela UNESCO sobre a Violência nas Escolas percebe-se que a violência é entendida como:

(...) primeiramente a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo (s) e também contra si mesmo – abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sobre a denominação de “acidentes”, além das diversas de agressão sexual. Compreende-se, igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional (ABRAMOVAY, 2002, p.94).

Na definição de Pereira (2004) a violência nas escolas é diferente de outra modalidade de violência juvenil porque é o resultado da articulação de três variáveis

independentes, quais sejam o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem sócio-espacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões).

Ao ler CHARLOT (1997, p. 78), verificamos que é difícil definir violência escolar, pois ela remete aos “fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar”. Entretanto, com o propósito de tornar mais ampla essa definição, ele a classifica em três níveis, quais sejam: violência, incivilidade, e violência simbólica ou institucional.

A violência refere-se a golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes e vandalismo, enquanto que a incivilidade reporta-se às humilhações, palavrões grosseiros e falta de respeito e a violência simbólica ou institucional é compreendida como a falta de sentido, de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não tem como acolher os jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

Em suma, ao analisarmos as definições sobre a categoria violência encontramos, de modo geral, que violência é toda a ação física ou psicológica que prejudica o próximo, coisas e qualquer outro ser vivo. Deste modo, os nossos atos egoístas, a má distribuição de rendas, o uso injusto ou abusivo do poder, o uso da força que tortura, impõe sofrimento e morte, indisciplina na família, na escola e na sociedade, se constituem em uma forma de violência generalizada. Assim, concluímos que a violência é uma situação de interação, em que o homem se

relacionando com outros e consigo mesmo, um ou vários indivíduos, age de forma direta ou indireta para causar danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais.

3.2 VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA

A primeira forma de entender a violência é a que se refere à violência interpessoal ou à violência que se materializa pelo comportamento de um ou mais indivíduos. É esta violência que constitui, muitas vezes, o cerne das preocupações dos atores escolares, pois sua presença tem se mostrado freqüentemente no cotidiano da escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro, através das brigas, das agressões e da violência simbólica. A violência interpessoal que pode ser ou não de natureza física - é certamente a mais visível e a que se materializa na referida escola. Ao trabalharmos a violência interpessoal, procuramos em dividi - lá em três tipos.

3.2.1 Ameaça

A ameaça enquanto um tipo de violência nas escolas, segundo (ABRAMOVAY & RUA, 2004, p. 232) “se expressam como promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e ou os bens de alguém”. Sobre essa compreensão, importa referir a um fato concreto de ameaça que se pode constatar por ocasião da observação realizada na Escola pesquisada, pois diante de “um desentendimento entre dois alunos na sala de aula, o que se sentiu prejudicado ameaçou o outro dizendo que iria acertar as contas na hora da saída” (MARTINS, 2005).

Segundo informações da inspetora Gláucia⁷, a ameaça entre os alunos “é comum devido às desavenças ocasionadas devido ao material escolar que some, por causa dos jogos da aula de educação física, e pelas namoradas.”

De acordo com o relato da aluna Cristiane constatamos que a mesma já foi vítima de violência, pois não queria que uma colega entrasse no seu grupo de estudo porque o trabalho já estava feito.

Não adianta você dizer que vai me bater, pois no grupo você não entra o trabalho já ta feito e vamos entregar hoje para a professora. Se você continuar dizendo que vai me bater eu vou na direção. Vai lá eles não fazem nada.

“Vou te pegar lá fora se o meu estojo não aparecer” (Felipe).

As ameaças em relação aos professores geralmente acontecem quando há desavenças ocasionadas por notas e pela falha disciplinar ocasionada em sala de aula, conforme depoimento que se segue:

Um dia fiquei com raiva do professor de matemática, pois não tava explicando a aula direito, acho que tava brincando com a nossa cara. Falei alto com ele dizendo que se ele não falasse corretamente o assunto iria vê só. Ele mandou eu sair de sala e ir na direção. A vontade que tive foi de dá um soco na cara dele. (Gustavo)

Já trabalho na escola a 5 anos, nesse período já fui ameaçada varias vezes por alunos que não estudam e que querem que eu der uma boa nota na prova deles. Já me ameaçaram dizendo que iam arranhar o meu carro, que iriam me roubar, o que aconteceu sumiram com a minha bolça e o dinheiro que havia lá. (Flávia)

Um aluno que tirou nota baixa, não satisfeito me ameaçou dizendo que iria furar o pneu do meu carro. Conversei com ele dizendo que ele estava errado, que era para ele estudar mais, pois no teste de recuperação podia melhorar sua nota, ele não aceitou e cumpriu o que prometeu, só que foi bem pior porque rasgou o pneu do meu carro com um canivete. (Luisa)

É importante ressaltar que ambos os fatos contados pelas professoras estão lançados no livro de ocorrência da instituição.

⁷ A referida senhora é agente administrativa da escola, porém exerce a função de inspetora.

Ressaltamos que dentre as ameaças presenciadas *in locus* verificou-se a de dois alunos no horário do recreio na fila para a merenda, um deles queria furar a fila, o outro disse se ele furasse iria apanhar ali mesmo, acredito que o aluno que queria furar a fila, só não executou a ação, por ser menor que do que o que havia lhe ameaçado e também pela seriedade com que ele falou.

Destacamos também que há um tipo de ameaça que atinge toda a comunidade escolar, isto é, as relacionadas a bombas, com intuito de transtornar o cotidiano escolar.

Um dia desses um aluno da 8ª série ficou com raiva da diretora porque ela não queria deixar eles brincarem na quadra no horário vago, soltou uma bomba no colégio, todo mundo saiu correndo pois o barulho foi muito grande, nesse dia as aulas foram suspensas e todos os alunos dessa 8ª foram suspensos.
(Gustavo)

Conforme os depoimentos acima relatados, concluímos que a ameaça pode ou não se concretizar em violência física. Enquanto um tipo de violência desenvolvida no ambiente escolar, gera tensões que levam a insegurança por causa das intimidações, ocorre principalmente entre os alunos.

3.2.2 Briga

Um outro tipo de violência que tem se manifestado na escola são as brigas. Estas são *“consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos”*. (ABRAMOVAY e RUA, 2004, p.236). Com esse entendimento, as brigas encontrariam respaldos em atitudes de apologia aos comportamentos agressivos, elevando-os à condição de atos a serem incentivados e aplaudidos, representando assim, traços de uma cultura da violência criada por determinados valores da sociedade capitalista e, que são passados pela mídia estimulando assim a competição negativa entre os alunos exemplo, marcas de roupas para adolescentes,

de sapatos, de celulares dentre outros. Dessa forma, podemos dizer que as brigas acontecem por causa de rivalidades entre certos grupos existentes nas escolas. Tais grupos têm maneiras diferentes de delimitar seu espaço no âmbito escolar, geralmente essa delimitação de espaço, se dá pela maneira de se vestir. Além das brigas causadas pelas desigualdades das condições materiais dos alunos destaca-se outro tipo de briga que é a briga entre as meninas e os meninos, em decorrência da competição por namorados e namoradas.

É importante ressaltar que as situações de brigas ultrapassam o espaço físico da escola, pois após o horário de aula, há alunos que estão envolvidos nessas situações e disputam entre si para ver quem é o “melhor”.

Durante a visita na escola presenciamos dois alunos brigando no corredor por causa de um boné. O mais interessante, é que os outros alunos que estavam no corredor incentivavam esse tipo de violência. Ainda vimos outros dois alunos brigando no refeitório por causa do lanche escolar, um dando soco na costa do outro para pegar o biscoito, pois afirmava que ele tinha mais.

Durante entrevista, os alunos relataram muitos casos de briga, conforme exposto abaixo:

“Um dia, um aluno brigou com o outro por causa que ele tava olhando para a namorada dele.”(Rosana)

“Semana passada, dois alunos se atracaram na sala de aula e se bateram, um deles jogou a cadeira no outro, que ficou machucado no rosto.” (Adriana)

“Na 7ª série dois alunos estavam brigando e jogaram a cadeira para fora da sala, caiu no corredor mais não machucou ninguém. Eles foram para a diretoria.”
(Artur)

“Eu já briguei com o Alessandro, porque ele mexeu na minha mochila, dei um soco nele, fui para a direção e peguei suspensão por uma semana” (Gustavo)

“Um dia eu tava brincando com a minha colega de bola no pátio, sem querer acertou no menino e ele veio me bater, apanhei no rosto, no outro dia minha tia veio na escola reclamar.” (Adriana)

“Ainda não sofri nenhum tipo de violência na escola, mas a Karol já, apanhou, pois estava ficando com o namorado da Eliane.” (Fernanda)

“Outro dia um aluno se atracou com outro, deu uma gravatada, foi preciso chamar a polícia, para separar eles, só o pessoal da escola não conseguiu.” (Felipe)

Observamos que as brigas são comuns no cotidiano da escola e que isso só acaba interferindo no cotidiano da escola quando se tornam risco de vida para os alunos. Além do depoimento dos alunos, esse posicionamento se ratifica através da fala dos inspetores e das merendeiras.

“Isso é comum eles fazerem, dão soco um no outro até sair choro.” (Judite)

“Quando os professores faltam temos que ficar controlando as salas, porque se não tiver a presença de algum profissional os alunos só faltam se matar, dando socos e pontapés.” (Glaucia)

Em suma, a partir do que foi observado a briga é o tipo de violência que tem mais ocorrência na escola.

3.2.3 Violência simbólica

De acordo com Bourdier (1989) a violência simbólica se expressa na imposição "legítima" e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

Na Escola pesquisada a violência simbólica se mostram na relação do poder, através do autoritarismo, na violência verbal entre professores e alunos e entre os próprios alunos.

Durante entrevista os alunos relataram que há professores que se utilizam da sua posição para humilhá-los, pois não conseguem construir um diálogo para entendê-los conforme se expressa abaixo:

“Aqui tem um professor que ninguém gosta, pois ele não sabe conversar quando a gente quer tirar uma dúvida, vai logo dizendo que a gente é desinteressada, pois não quer aprender a matéria” (Adriana).

“Outro dia a professora de história foi agressiva comigo, me chamando de ignorante, pois não entendi o assunto e pedir pra ele me ensinar outra vez” (Cristiane).

“Os professores pensam que são o dono da situação, faltam e só querem jogar a matéria, quanto a gente reclama são grossos nos apelidando.” (Gustavo)

Em relação à postura adotada pelos professores, podemos afirmar que a escola reflete também o modelo violento de convivência social. O mais grave é que esses educadores não se percebem como violadores dos direitos dos alunos e acabam reforçando a violência na escola, através da violência simbólica, que segundo Dulce Whitaker (1994), “ajuda não só a obscurecer a violência que está no dia-a-dia, no cotidiano, como também a esconder suas verdadeiras causas”. É a violência sutil que, em geral, não aparece de forma tão explícita e serve para escamotear e dissimular os conflitos.

Essa mesma autora chama a atenção porque muitas vezes

Os professores não se dão conta de que o que torna as crianças apáticas, não são propriamente os conteúdos ministrados, mas sim o ponto de partida da ação pedagógica que se apresenta carregado de autoritarismo e, portanto, de violência simbólica.

A violência simbólica entre os alunos, se manifesta através de apelidos, ou seja, alunos fazem gracinhas com outros alunos é começam a observar sua estrutura física para dá apelidos.

“Eu não gosto do Evandro porque ele me chama de cabelo de palha de aço, já reclamei na direção, mas não fazem nada, a minha tia já veio falar com ele para ele não fazer mais isso.” (Adriana)

“Na minha turma tem alguns alunos que não gosto, pois me apelidam de caveirinha porque sou muito magra, um fiquei com tanta raiva que dei um soco num deles.” (Rosana)

Enfim, a partir desses depoimentos constatamos que a escola mais uma vez contribui para que a violência se manifeste em seu interior, pois conforme observações e entrevista, a diretora não se manifesta, sugerindo que esses tipos de atitudes não poderiam ocorrer no ambiente escolar. Em suma afirmamos que a qualidade das relações interpessoais no ambiente escolar é comprometida, pois o desrespeito e o descaso em relação ao outro vem rompendo com a solidariedade e o compromisso tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos.

3.3 VIOLÊNCIA CONTRA A PROPRIEDADE

Consideramos que a violência contra a propriedade é um tipo de manifestação de violência contra a pessoa. No ambiente escolar estudado esse tipo de violência se desenvolve a partir do furto. É mister salientar que durante a entrevista com os alunos evidenciou-se que eles confundem as categorias roubo e furto, considerando-as iguais. Portanto para um melhor entendimento dessas categorias é fundamental defini-las.

O Código Penal Brasileiro, no artigo 155, refere que o roubo é: Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel. Segundo o artigo 157, o legislador faz a

descrição do comportamento do agente declarando que “Subtrair coisa alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzindo a impossibilidade de resistência” (Idem).

No que se refere ao furto, segundo o Código Penal Brasileiro, ocorre quando o bem é retirado da esfera da vigilância e disponibilidade da vítima sem que a mesma perceba. A agressão, nesse caso, ocorre em relação à coisa. O agente agride não a pessoa, mais sim a coisa *res furtiva*, que escapa da posse da vítima sem que ela note tal ocorrência decorrente da ação do agente.

Concluimos que essas duas categorias são distintas e que há o emprego da violência em ambas, mas com finalidades diferentes. Assim, no roubo, a retirada da coisa, *res subtracta*, ocorre diante dos olhos da vítima, que a tudo assiste, no entanto, nada pode fazer em razão do emprego de grave ameaça ou violência contra sua pessoa. Já no furto, há a retirada da coisa *res furtiva* para contrair a parte legal, sem a percepção da vítima.

Portanto, quando os estudantes disseram que tinham sido roubados, na verdade, foram furtados. Independentemente do nome que se der, o levantamento indica que esses pequenos delitos podem ser porta de entrada para violências mais duras, pois segundo Abramovay (2002) “Começa com um lápis, três semanas depois, passa para um celular. Isso é uma agressão. A pessoa passa a se sentir intimidada e impotente”.

Quando perguntado se já foi vítima de furto no ambiente escolar, Gustavo diz que não. “Só caderno, lápis, borracha, caneta, coisa menos importante”. Assim, para Gustavo o furto só acontece quando o objeto tem valor material mais alto, conforme se evidencia:

Noutro dia, levaram o porta CD do meu colega com 20 CDs dentro, só CDs de roque. Tem mais, as pessoas que são

roubadas vão reclamar na direção, como ninguém sabe o que é a diretora diz que vai conversar com a turma, mas não dá em nada.

“Aqui na escola essas coisas são normais, sumiu a bolsa da minha colega e ninguém fez nada, levaram o meu caderno e não deu em nada” (Rosana).

Quem pratica esses atos são os próprios alunos da escola, de vez enquanto some uma coisa aqui, já sumiu dinheiro da professora, só que ela desconfiou de um aluno da minha sala e levou na direção, no outro dia sua mãe veio junto com ele aqui (Felipe).

“Ano passado, sumiu R\$ 2,00 (dois reais) da minha carteira, o que mais me chateou foi que eu reclamei na direção e ninguém fez nada” (Rosana).

Também foram encontrados no livro de ocorrência vários casos de furtos na escola, como fica exposto abaixo:

“Compareceu a direção à professora Flávia para informar que os alunos pegaram sua bolsa que continha documentos e dinheiro”

“A professora Luiza veio informar que suspeita que o aluno Deivison tenha aberto sua bolsa e pego a importância de R\$30,00 (trinta reais) de sua carteira.”

“Compareceu na direção a mãe do aluno André para reclamar do material do seu filho que havia sumido na sala, ontem”.

Conforme os relatos e a leitura do livro de ocorrência verificamos que o furto seria uma manifestação de violência considerada comum pela comunidade escolar e geralmente é praticado pelos alunos. Os furtos mais enfatizados foram os materiais escolares, caneta, borracha, caderno, lápis, dinheiro e bolsa. Desse modo à aceitação dessa prática de violência entre as crianças e os adolescentes é normal, fator que contribui para diminuir a gravidade do ato, ou até mesmo desconsiderar sua natureza, omitindo-se o significado de incivilidade e de desrespeito ao outro.

3.4 VIOLÊNCIA CONTRA O PATRIMÔNIO

O tipo de violência contra o patrimônio que vem depredando o interior da escola em suas diversas formas é a pichação, que segundo Ferreira significa

Pichação. Brás. S.f. 1. Ato ou efeito de pichar; pichamento. 2. Dístico, em geral de caráter político, escrito em muro de via pública e Pichar. Brás. V.t.d. 1. Aplicar piche em; untar com piche. 2. Escrever (dizeres políticos, por via de regra) em muros ou paredes.

Também é “um reflexo da insatisfação com uma sociedade que produz ilusões o tempo todo: a ilusão do bem-estar, do poder e do glamour. Isso não preenche o vazio existencial das pessoas, pelo contrário”, analisa Celso Gitahy, autor de "O Que É Grafite" (Coleção Primeiros Passos).

Entendemos que a pichação é um crime contra a propriedade particular e contra o patrimônio público, previsto no artigo 65 da Lei 9.605/98, que prevê, além da multa que varia entre R\$80,00 e R\$8.400, a detenção, com penas que variam de três meses a um ano de prisão. O período mínimo de detenção pode ser aumentado para seis meses em casos de pichação de patrimônio históricos ou tombados.

Verificamos in loco que a escola foi pintada recentemente, no período de fevereiro e março, conforme relatos da diretora. Apesar dessa reforma, os atos de pichações estão presentes pelos banheiros, nas paredes dos corredores, mesas e cadeiras, nesses últimos principalmente, onde encontramos frases de amor, declarações, pichações de nomes, referências a gangues e palavrões dirigidos a pessoas específicas.

Assim, percebemos que as mensagens escritas nos atos de violência contra o patrimônio têm vários significados desde a necessidade de chamar atenção, de se exibir para os colegas até expressar revolta, ou segundo Sena (2000)

Querer deixar sua marca no mundo, uma vez que os que o fazem estão botando para fora a rebeldia deles contra o

governo ou contra os pais, contra a sociedade, contra a escola. Fazem a pichação deles ali para botar para fora a sua vontade, o seu desejo.

Esse é o primeiro ano que estudo aqui, fico triste e preocupada de ver que os alunos não cuidam da escola, a senhora já reparou as cadeiras, são todas sujas de pichações, ano que vem não quero mais ficar aqui, quero voltar para a minha antiga escola, lá é boa, não existe violência. (Fernanda)

A escola já foi mais pichada, se tu tivesse vindo aqui ano passado, ia ver como eram as paredes, só marcas dos meninos que são de gangue. Agora, melhorou mas mesmo assim, já tem rabisco no banheiro e nas paredes. (Artur).

“Aqui nessa escola o problema da pichação ninguém resolve, pois os garotos e as meninas escrevem as coisas nas cadeiras e paredes e fica por isso mesmo.”
(Cristiane)

Segundo relatos de alunos, podemos inferir que a pichação é um ato de vandalismo que prejudica o próprio ambiente escola, pois se desenvolve com frequência a direção da escola não se preocupa em resolver o problema, pois não aproveita a situação para desenvolver nos estudantes a preocupação com os ambientes em que convivem, ou seja, fazer com que os estudantes preservem o patrimônio público e deixem as siglas, assinaturas, palavrões ou frases de provocação entre grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No esforço de investigar os tipos de violência na escola estadual de ensino médio e fundamental Augusto Montenegro fez-se necessário um estudo crítico da categoria violência para compreender como esse fenômeno se manifesta no ambiente escolar.

Podemos, assim, dizer que as situações de violência no âmbito escolar, como brigas, ameaças, destruição do patrimônio dentre outras, manifestam-se, sobretudo, como reflexo do modelo educativo conservador, produzindo relações interpessoais abusivas que prejudica toda a comunidade escolar. Assim, a educação que deveria ter um relevante papel social na vida dos sujeitos sociais vem contribuindo para a disseminação da violência na medida em que prejudica o processo de ensino-aprendizagem, pois pelos relatos dos alunos e por situações verificadas durante as visitas na escola, as situações de violência, na escola que serviu de objeto de estudo, comprometem o que deveria ser a identidade da escola, isto é, o ambiente propiciado pela escola não favorece a socialização dos sujeitos que fazem parte dessa realidade porque não tem garantindo o desenvolvimento do aluno e nem criado ações para que ocorram aprendizagens significativas que promova a troca de relações para o crescimento de todos os envolvidos no cotidiano do processo educacional.

Na escola estudada contatamos um ambiente marcado pela falta de diálogo, fator que contribui para que os alunos pratiquem a violência, pois encontram nessa conduta uma maneira de reproduzir os comportamentos agressivos introjetados pelo

modelo conservador de educação, como também chamar a atenção do corpo técnico para os problemas que existem no âmbito escolar.

Porém, acreditamos que a escola tem condições de combater a violência ali existente, para reduzi-la a níveis toleráveis, sendo assim, é necessário que haja conscientização, planejamento, investimentos, atitudes de compromisso e de responsabilidade, cooperação e, sobretudo, tempo para que uma nova educação se desenvolva, pois se entende que é a partir da educação libertadora que se deve iniciar o processo de pacificação. Para isso é necessário que os profissionais do processo educacional criem uma relação dialógica com os alunos garantindo a construção de habilidades para agirem assertivamente diante das suas dificuldades pessoais e da sua comunidade, podendo no futuro participar da construção de uma sociedade mais justa, mais solidária e menos violenta. É nessa troca que os professores crescem junto com os alunos, pois aprendem a lidar com seus conflitos, dificuldades, tornando-se mediadores do processo educacional, melhorando as condições de aprendizagem no ambiente escolar. Também é necessário que a escola realize ações estratégicas que envolvam toda a comunidade, pois com a participação dos membros da comunidade poderá haver a reversão de um conjunto de agressões e violência no ambiente escolar.

Assim, a escola, apesar de estar passando por esse processo de violência, ainda é o ambiente propício para construir uma cultura de paz, porque é um lugar de encontro de diversidade cultural, o que aumenta sua capacidade de amalgamar conflitos que vêm de fora e, também, de construir solidariedade por um espaço estratégico em potencial para tecer relações com a comunidade, e especialmente, com a família e, pela sua importância, junto aos alunos, devido à formação de valores e transmissão de conhecimentos.

Desse modo, admitimos que a escola contribuirá para a erradicação da violência no momento em que assumir a sua missão fundamental de contribuir para o aperfeiçoamento do homem. Aperfeiçoamento que vem através do ato de ensinar/aprender, pois os sujeitos sociais envolvidos nesse processo precisam ter condições de desenvolver suas capacidades e habilidades cognitivas e operativas. Ou seja, é por meio do ato de ensinar/aprender que a escola resolverá os problemas ali presentes utilizando-se do diálogo, da negociação, com intuito de tornar a violência inviável, preparando seus sujeitos para enfrentar a realidade cotidiana.

Por fim, consideramos que o combate à violência deve aparecer na agenda pública, isto é, como política pública, pois só assim, enquanto profissionais envolvidos no processo educacional teremos condições de contribuir para a prevenção e erradicação da violência nas escolas, e construir uma sociedade mais cidadã.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Miriam. **Escolas Inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.

_____. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ADORNO, Sérgio. **Violência: um retrato em branco e preto**. In Revista Idéias-nº 21-FDE-SP-1998.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BRASIL. **Código penal**. 44ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 34ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

_____. **Leis etc. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. ECA: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e de outras providências**. Decretado pelo Congresso Nacional e Sancionado pelo Presidente da República – Fernando Collor de Mello.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tamaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, J.C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência**. Teoria & Debates. Ano11, número 39. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1988. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1985.

CHARLOT, Bernard e ÉMIN, Jean-Claude. **Violences à l'école – état des savoirs**. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1994.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4.ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 3 ed. Rio de Janeiro: Editor Graal, 1982.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 23ª ed. Petrópolis. Vozes, 2002.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** 8ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir & ROMÃO, José E. **Autonomia da Escola – Princípios e Propostas.** São Paulo: Cortez, 1977.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999, (Coleção Primeiros Passos).

GRACE, Afonso. **Maus-Tratos: Violência de pais contra filhos.** Dissertação. Florianópolis: UFSC, 1997. p.25-26.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** 20. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTINS, Tatiana. **Diário de Campo. Relatos de alunos sobre violência nas Escolas Estaduais Visconde de Souza Franco, Instituto Estadual de Educação do Pará (IEP), Camilo Salgado.** Belém, 2003.

_____. **Entrevistas realizadas com alunos e funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro.** Belém, 2005.

MORAIS, Regis. **Violência e Educação.** São Paulo: Editora Papyrus, 1995.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** 6ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Abrindo espaço: educação e cultura para a paz.** 3ª Ed. Brasília: UNESCO, 2004.

PEREIRA, João Dantas. **Polícia Comunidades: notas para uma síntese.** In: Zaluar, Alba et al. **Violência e Sociedade.** São Paulo: Letras & letras, 2004.

ROYER, Egide. **A violência escolar e as políticas da formação de professores.** In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares (org). **A palavra e o gesto empregados: a violência na escola**. Porto Alegre: PMPA – SMED – 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica** : primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2003 (Coleção Educação Contemporânea).

_____. **Educação e questões da atualidade** . São Paulo: Livros do Tatu/Cortez,1991 (Coleção Hoje e Amanhã).

_____. **Escola e democracia** . 7. ed. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1980 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

_____. **Educação** : do senso comum à consciência filosófica . 5.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985 (Coleção Educação Contemporânea).

SENA, Denis. **Graffiti nas Escolas**. Salvador: Ed. Uneb, 2000

SPOSITO, Marília Pontes. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. **Pro-Posições**, Campinas, v.13, n.3, set./dez. 1998.

TEIXEIRA, Maria C. Sanches & PORTO, M. do Rosário S. **Violência, Insegurança e o Imaginário do Medo**. In: Na Mira da Violência – a escola e seus agentes. Campinas: UNICAMP, Cadernos CEDES, ano XIX, n.47, dez 98.

VERONESE, Josiane Rose Petry. **Os direitos da criança e do adolescente – origem, desenvolvimento e perspectiva (uma abordagem sócio-jurídica)**. Florianópolis, setembro: p. 83, 1996.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco**. Brasília: UNESCO,2003.

WHITAKER, Dulce. **Violência nas escolas**. In: Revista Idéias, número 21. São Paulo: FDE, 1994.